GAZA:
VIDAS ENCURRALADAS
PELA MORTE

MEDECINS SANS FRONTIERES

Crédito das fotos: Capa, p8, p11, p15, p20, p30 © MSF - p13 © Ben Milpas/MSF - p19 © Moises Saman/Magnum Fotos - p32 © Mohammed Baba, © Ibrahim Nofal.

SUMÁRIO

RESUMO EXECUTIVO **4**

INTRODUÇÃO **7**

I. UM SISTEMA DE SAÚDE ALVO DE ATAQUES E DESTRUIÇÃO **8**
A. Ataques sistemáticos aos hospitais e à ajuda humanitária 10
Como desmantelar um hospital: o cerco ao Hospital Nasser, em Khan Younis 13
Al-Aqsa, Deir Al-Balah: um hospital atacado inúmeras vezes 15
1. Trabalhadores humanitários sob ataque 15
2. Morte de cerca de 2,5% da força de trabalho médica 17
B. Mortos, mutilados e privados de cuidados: consequências da guerra para a população 19
1. Pessoas mortas longe das bombas: o sofrimento por doenças crônicas 19
2. Cuidados médicos fora de Gaza negados 19

II. DESLOCAMENTO FORÇADO ANIQUILANDO UMA POPULAÇÃO EM VULNERABILIDADE **22**
A. Ordens de evacuação como arma letal na guerra de Israel 22
B. Acesso à assistência humanitária negado 24
C. Luta pela sobrevivência e privação da dignidade 26
1. Privados de água, imersos em lixo 26
2. Disseminação de doenças pelas péssimas condições de vida e pelo colapso da saúde primária 27
3. Privação de alimentos e aumento dos preços levam à desnutrição 28
4. Gerações futuras já traumatizadas 29
5. Falta de cuidados para gestantes e crianças 31

III. DESTRUIÇÃO DO FUTURO DE GAZA **33**
Um sofrimento em crescimento contínuo 33
1. Excesso de mortes relacionadas ao conflito 34
2. Gaza tornou-se incompatível com a vida 35

APELOS URGENTES **36**

RESUMO EXECUTIVO

A guerra de Israel em Gaza já matou mais de 44.000 palestinos, feriu mais de 105.000 e deslocou aproximadamente 1,9 milhão de pessoas, ou 90% da população, segundo o Ministério da Saúde de Gaza. Em resposta aos terríveis ataques realizados pelo Hamas e outros grupos armados em 7 de outubro de 2023, nos quais 1.200 pessoas foram mortas e 251 foram feitas reféns[1], as forças israelenses estão aniquilando uma população inteira sob bombas e escombros.

Médicos Sem Fronteiras (MSF) tem testemunhado 14 meses de repetidos ataques a civis, o desmantelamento de infraestruturas civis essenciais, incluindo instalações de saúde, e uma negativa sistemática de acesso à assistência humanitária, aparentemente sustentando a campanha de Israel para desmontar toda a estrutura social em Gaza. Nos primeiros 12 meses de hostilidades, as equipes de MSF enfrentaram 41 ataques e incidentes violentos, incluindo ataques aéreos, bombardeios e incursões violentas em instalações de saúde, disparos contra abrigos e comboios da organização, além de detenções arbitrárias de colegas pelas forças israelenses. Oito profissionais de MSF e muitos de seus familiares foram mortos - muitos outros foram feridos. Tanto profissionais médicos como pacientes de MSF foram forçados a evacuar urgentemente as instalações de saúde em 17 ocasiões distintas, muitas vezes correndo para salvar suas vidas. MSF conseguiu retomar as atividades em apenas três instalações.

Durante a ofensiva, as forças israelenses impediram a entrada de itens essenciais como comida, água e suprimentos médicos na Faixa de Gaza. Negaram, atrasaram ou instrumentalizaram a assistência humanitária, permitindo somente a entrada de quantidades ínfimas de ajuda em Gaza, uma afronta às necessidades reais e ao nível de sofrimento da população. O último hospital oncológico em Gaza teve que fechar por falta de combustível em 1º de novembro de 2023. Equipes de MSF tiveram que realizar cirurgias sem anestesia suficiente. As consequências desses bloqueios são ainda mais terríveis devido à singularidade de uma guerra travada em uma área sitiada, da qual ninguém pode escapar.

A violência desencadeada pelas forças israelenses causou danos físicos e mentais em uma escala que sobrecarregaria qualquer sistema de saúde operacional, quanto mais um sistema dizimado por ofensivas aniquiladoras e um bloqueio que já dura 17 anos. Em meados de outubro de 2024, apenas 17 dos 36 hospitais de Gaza estão funcionando parcialmente[2], embora os combates incessantes muitas vezes os deixem fora do alcance das pessoas que deles precisam. Os outros 19 hospitais estão fora de serviço. A busca por atendimento médico fora da Faixa de Gaza é dificultada ao extremo pelas autoridades israelenses. Durante o fechamento da passagem de Rafah, entre o início de maio de 2024 e setembro de 2024, as autoridades israelenses autorizaram as evacuações de apenas 229 pacientes - isso corresponde a apenas 1,6% dos que precisavam de assistência médica fora do território naquele momento.

Os deslocamentos forçados levaram as pessoas a condições de vida insuportáveis: elas estão amontoadas em tendas improvisadas feitas de sucata, enfrentando privação de água e comida. As principais morbidades tratadas pelas equipes de MSF que apoiam a atenção primária à saúde, como doenças da pele, infecções do trato respiratório superior e diarreia, são indicativas das péssimas condições higiênicas. Os programas de vacinação foram interrompidos e o risco de surtos de doenças é uma realidade. A situação só piorou com o início dos meses de inverno.

Mesmo que a ofensiva militar terminasse hoje, seus impactos de longo prazo seriam sem precedentes, dada a escala da destruição e os desafios extremos de prover assistência médica em toda Faixa de Gaza. Uma sociedade inteira precisa de reconstrução, enquanto lida com um número impressionante de pessoas com ferimentos de guerra, que correm o risco de infecções, amputações e deficiência permanente. Muitas delas podem necessitar de anos de reabilitação. O trauma mental causado pela violência extrema, a perda de familiares e lares, as condições de vida desumanas e os reiterados deslocamentos forçados revelam uma necessidade enorme e urgente, que irá perdurar por gerações. O impacto ambiental da guerra agravará ainda mais os

1 Fonte: Reuters – Disponível aqui
2 OMS, Território Palestino – Situação de Emergência Edição Atualizada 48 – Disponível aqui

riscos à saúde no longo prazo. O número excessivo de mortes devido à guerra, incluindo aquelas decorrentes do colapso do sistema de saúde, da desnutrição e dos surtos de doenças, pode ser estimado de forma conservadora em 186 mil (incluindo 148 mil mortes indiretas), segundo a revista The Lancet[3]. Lutando para sobreviver, encurraladas em uma zona de guerra onde não existe local seguro e nem saída à vista, as pessoas em Gaza estão presas em uma armadilha mortal.

Em particular no norte da Faixa de Gaza, a recente ofensiva militar é uma ilustração crua da guerra brutal que as forças israelenses estão travando na região, e testemunhamos sinais claros de limpeza étnica, à medida que a vida palestina é varrida da região. Nosso testemunho da catástrofe médica e humanitária imposta a Gaza é consistente com as descrições fornecidas por um número crescente de especialistas legais e por organizações, concluindo que está ocorrendo um genocídio em Gaza. Embora não tenhamos autoridade legal para estabelecer a intencionalidade, os sinais de limpeza étnica e a devastação em curso - incluindo assassinatos em massa, lesões físicas graves e danos à saúde mental, deslocamentos forçados e condições de vida impossíveis para os palestinos sob cerco e bombardeio - são inegáveis.

Os ataques contra civis, o desmantelamento do sistema de saúde, a privação de acesso à comida, água e suprimentos médicos impostos pelas autoridades israelenses à população de Gaza são uma forma de punição coletiva. Isso deve parar agora.

- Um cessar-fogo imediato e duradouro deve ser implementado. A destruição total da vida palestina em Gaza e de todas as coisas que compõem a estrutura da sociedade deve cessar.

- O extremo e deplorável racionamento da ajuda humanitária na Faixa de Gaza tem que parar. Israel deve pôr fim ao cerco a Gaza e abrir as fronteiras terrestres vitais, incluindo a passagem de Rafah, para garantir a entrega em grande escala de ajuda médica e humanitária. Israel deve tomar todas as medidas necessárias para garantir que a ajuda chegue urgentemente às pessoas que precisam, o que inclui interromper ações que impeçam a capacidade de aplicação da lei na Faixa de Gaza.

- Israel deve revogar sua recente lei de banimento da Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados Palestinos (UNRWA), garantindo que a instituição seja capaz de dar continuidade ao seu papel vital no apoio à população. As capacidades locais remanescentes em Gaza devem ser reconstruídas e ampliadas.

- O deslocamento forçado deve acabar. As pessoas em Gaza devem ter permissão para circular livremente, incluindo o regresso aos seus locais de origem e a restauração de suas capacidades de subsistência. As autoridades israelenses devem facilitar a evacuação daqueles que necessitam de cuidados médicos especializados ou a partida daqueles que buscam refúgio fora de Gaza, garantindo também seu direito a um regresso seguro, voluntário e digno.

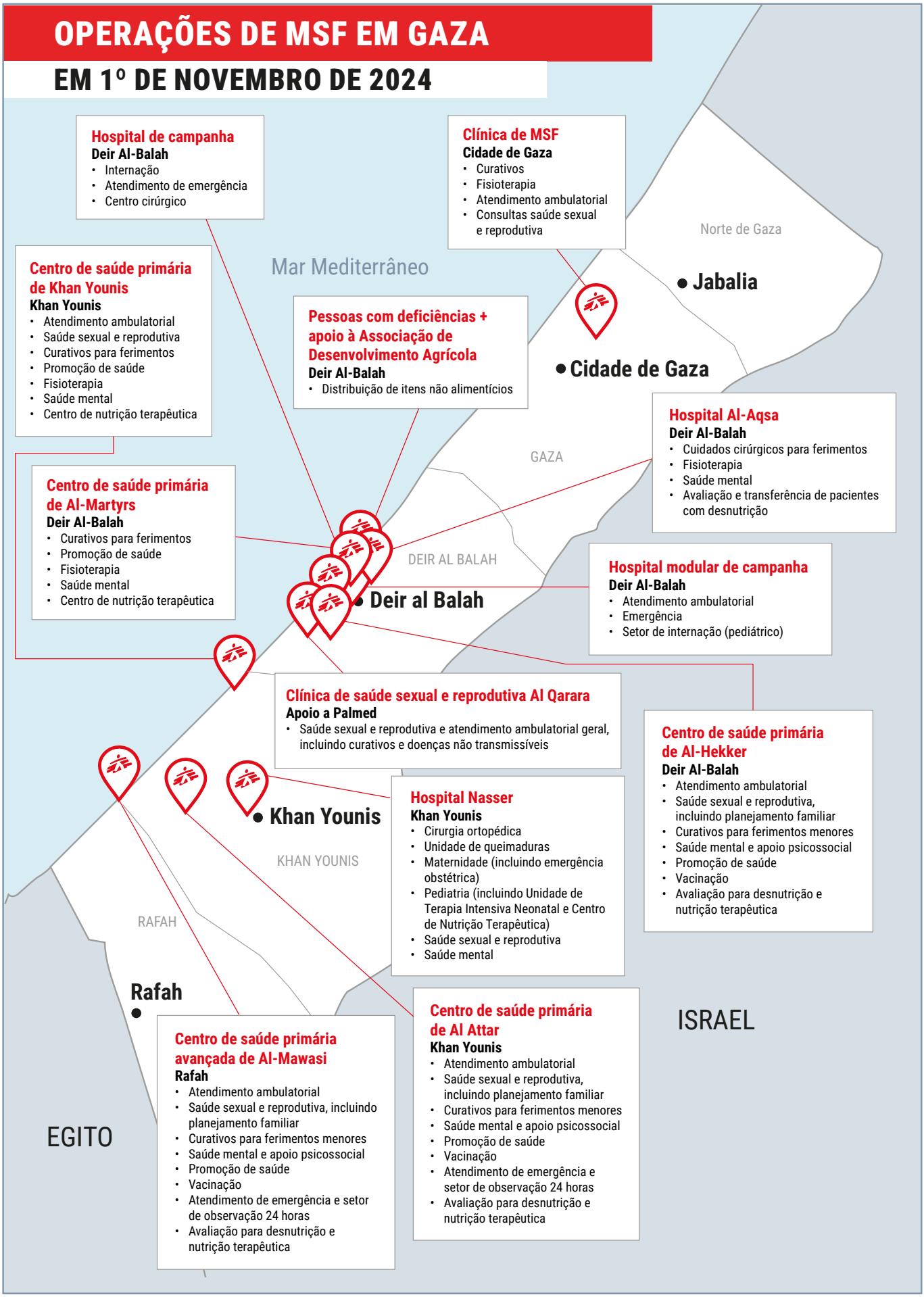
- Em janeiro de 2024, a Corte Internacional de Justiça (CIJ) ordenou que Israel implementasse medidas provisórias para impedir atos genocidas em Gaza. No entanto, nenhuma medida foi aplicada para atender esta ordem. Nossos testemunhos alinham-se com os de um número crescente de especialistas e organizações jurídicas, concluindo que a limpeza étnica e o genocídio já são uma realidade em Gaza. MSF apela aos Estados, particularmente aos aliados mais próximos de Israel, que não prestem apoio incondicional a Israel e cumpram sua obrigação de evitar o genocídio em Gaza. Os Estados devem usar seu poder de influência para aliviar o sofrimento da população e permitir um aumento maciço de assistência humanitária na Faixa de Gaza.

- MSF renova apelo por uma investigação independente para determinar os fatos e responsabilidades dos repetidos ataques a equipes e instalações de MSF. Esses ataques mataram oito colegas de MSF e muitos de seus familiares. O apelo se estende à investigação de outros ataques a trabalhadores humanitários e equipes médicas.

3 Cálculos baseados em números de 19 de junho de 2024. Contabilizando os Mortos em Gaza: Difícil, mas Essencial | The Lancet - Khatib, Rasha, Martin McKee e Salim Yusuf - Julho 2024 – Disponível aqui

OPERAÇÕES DE MSF EM GAZA

EM 1º DE NOVEMBRO DE 2024



INTRODUÇÃO

O nível da destruição causada pela resposta de Israel aos ataques do Hamas e de outros grupos armados palestinos provocou o colapso do sistema de saúde já vulnerável de Gaza. Antes de outubro de 2023, 16 anos de bloqueio israelense causaram a escassez crônica de suprimentos e equipamentos médicos. Tratamentos essenciais, como cuidados oncológicos e cirurgias, foram frequentemente adiados ou cancelados. O acesso a cuidados vitais na Cisjordânia, incluindo Jerusalém Oriental, também foi severamente restringido: entre os anos de 2008 e 2022, autorizações para mais de 70 mil pacientes foram negadas ou adiadas. Isso levou a um aumento da mortalidade, principalmente para aqueles em condições críticas: pacientes com câncer que enfrentaram atrasos na autorização para quimioterapia ou radioterapia tiveram uma probabilidade de sobreviver 1,5 vez menor[4].

MSF trabalha na Faixa de Gaza há mais de 20 anos, fornecendo cirurgia ortopédica, tratamento para traumas e queimaduras, além de suporte à saúde mental. Antes desta guerra, MSF ainda tratava 87 pacientes gravemente feridos durante a Grande Marcha do Retorno de 2018. Desde 7 de outubro de 2023, as necessidades humanitárias aumentaram rapidamente, enquanto a capacidade de resposta de MSF tem sido reprimida: as equipes têm sido repetidamente forçadas a evacuar instalações por causa de ataques aéreos ou combates israelenses, instalações foram danificadas ou destruídas, e alguns de nossos colegas de MSF foram mortos. Apesar dos enormes desafios, MSF tem lutado para ampliar suas atividades em Gaza.

Este relatório é baseado em dados quantitativos e qualitativos coletados entre outubro de 2023 e o início de outubro de 2024, incluindo dados médicos e logísticos[5] de MSF, bem como entrevistas com pacientes e equipes médicas e não médicas[6] de MSF. Baseia-se na observação direta para apelar por ações decisivas e urgentes para (1) interromper a destruição de Gaza, com foco específico no seu sistema de saúde, e (2) enfrentar uma crise humanitária catastrófica.

4 Sobrevivência comparativa de pacientes com câncer que necessitam de permissões israelenses para sair da Faixa de Gaza em busca de cuidados de saúde: um estudo retrospectivo dos habitantes de 2008 a 2017 | Junho 2021 – Disponível aqui

5 Devido às múltiplas evacuações de instalações e mudanças de atividades, os dados não podem ser considerados totalmente precisos e não se esgotam em si mesmos.

6 Alguns nomes de profissionais e pacientes foram modificados ou ocultados para preservar a identidade.

I. UM SISTEMA DE SAÚDE ALVO DE ATAQUE E DESTRUIÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS)[7], de 7 de outubro de 2023 a 18 de setembro de 2024, foram relatados 512 ataques aos serviços de saúde, 409 instalações foram danificadas e 115 ambulâncias atingidas na Faixa de Gaza. Até a data, 19 hospitais, 126 postos de saúde e 75 unidades básicas de saúde estavam fora de serviço. Até o final de junho de 2024, 500 profissionais de saúde haviam sido mortos, de acordo com o Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (OHCHR, na sigla em inglês)[8]. Nossas equipes testemunharam um padrão de ataques contra hospitais: instalações médicas foram sitiadas, alvos de ataques aéreos ou bombardeios e invadidas por tropas terrestres; ambulâncias foram destruídas, pacientes e profissionais de saúde foram mortos.

Vinte e seis ataques ocorreram em instalações apoiadas por MSF ou nas suas proximidades, e dez delas foram diretamente atingidas ou destruídas. MSF testemunhou esse padrão de destruição principalmente contra três hospitais: Al-Shifa, deixado em ruínas, Al-Awda e Nasser, amplamente danificados; todos os três foram forçados a fechar temporariamente.

As instalações apoiadas por MSF realizaram pelo menos 27.500 consultas por violência e 7.500 intervenções cirúrgicas. A própria equipe de MSF enfrentou 41 ocorrências graves, desde outubro de 2023, incluindo ataques aéreos e ofensivas terrestres contra hospitais, anques disparando contra alojamentos que abrigavam equipes de MSF e suas famílias (e identificados de forma evidente como neutros), ataques a instalações e comboios humanitários. Oito colegas de MSF foram mortos e vários outros ficaram feridos, assim como muitos de seus familiares; outros profissionais foram presos pelas forças israelenses.

Sempre que foi possível atribuir uma autoria dos ataques, nós o fizemos. Entretanto, em muitos casos, não foi possível determinar o autor. Isso porque os locais das instalações de MSF, ou apoiadas por MSF, assim como nossa movimentação em meio de transporte atingido ou atacado, haviam sido comunicados às principais partes em conflito antes dos incidentes. Apesar disso, não foram respeitados nem protegidos, resultando em morte ou ferimentos de pacientes, trabalhadores humanitários e outros civis.

7 Painel do Aglomerado de Saúde dos Territórios Palestinos – Disponível aqui

8 Declaração sobre morte e detenção arbitrária de profissionais de saúde em Gaza | OHCHR - Disponível aqui

INCIDENTES CRÍTICOS SOFRIDOS POR INSTALAÇÕES APOIADAS POR MSF, PROFISSIONAIS DE MSF E SUAS FAMÍLIAS DE 7 DE OUTUBRO DE 2023 A 7 DE OUTUBRO DE 2024

Data	Descrição do evento	Data	Descrição do evento
07/10/23	Ataque aéreo ao hospital Indonésio: uma enfermeira morta (não MSF).	**17/12/23**	Tropas israelenses assumem controle do hospital Al-Awda, e a equipe (inclusive de MSF) é interrogada/ despida.
07/10/23	Ataque aéreo a uma ambulância em frente ao hospital Nasser: uma morte e várias vítimas.	**06/01/24**	Projétil disparado por atirador através da parede da UTI. Ordens de deslocamento ao redor do hospital Al-Aqsa, incluindo a farmácia de MSF. Decisão de evacuação de MSF.
10/10/23	Ataque aéreo causa danos a clínica de MSF em Gaza .	**08/01/24**	Bombardeio do alojamento de MSF, com 100 profissionais e familiares. Um familiar morto e três feridos.
11/10/23	Ataque aéreo próximo ao hospital Al-Awda: danos materiais.	**16/01/24**	Bombardeio perto do hospital Nasser. Pacientes e pessoas deslocadas fogem em pânico.
17/10/23	Ataque aéreo na área de estacionamento do hospital Al Ahli: 100 mortos.	**22/01/24**	Hospital Nasser cercado por combates, bombardeios e ordens de evacuação. Ataques aéreos matam pessoas a 150 metros da entrada do hospital, segundo a equipe de MSF.
30/10/23	Projétil atinge o Hospital da Amizade Turco-Palestina, causando danos.	**09/02/24**	Tiroteio no Nasser: dois mortos e cinco feridos (uma enfermeira). Impossível acessar o hospital devido aos combates e às forças israelenses que atuam no entorno. Pessoas encurraladas no interior do Nasser.
03/11/23	Ataque aéreo do lado de fora do portão do hospital Al-Shifa: ambulância atingida. Várias dezenas de pessoas mortas.	**15/02/24**	Bombardeio no setor ortopédico do hospital Nasser: um morto e vários feridos.
10/11/23	Bombardeio no hospital Al-Shifa. Muitos mortos e feridos. Pacientes e profissionais encurralados no interior do hospital.	**15/02/24**	Um profissional de MSF preso pelas forças israelenses.
14/11/23	Tiros disparados contra abrigo de MSF.	**20/02/24**	Bombardeio do abrigo de MSF: dois familiares mortos e sete feridos.
15/11/23	Tropas terrestres dentro do Al-Shifa.	**02/03/24**	Bombardeio perto da entrada do hospital Emirati: dois mortos e vários feridos (um profissional de ambulância).
18/11/23	Comboios de evacuação da equipe de MSF são alvo de ataques: 2 mortos.	**25/03/24**	Acesso impossível ao hospital Al-Shifa, segundo a equipe. Intensos ataques aéreos israelenses e combates no entorno.
20/11/23	Danos e incêndio atingem a clínica de MSF em Gaza. Tanque israelense visto na rua.	**27/03/24**	Ataque aéreo perto da clínica Al-Shaboura. Vários mortos.
20/11/23	Cinco carros de MSF destruídos.	**31/03/24**	Ataque aéreo no pátio do hospital Al- Aqsa, onde as pessoas estavam abrigadas. Muitos mortos e feridos.
21/11/23	Ataque aéreo no hospital Al-Awda. Três mortes (dois profissionais de MSF).	**01/04/24**	Al-Shifa em ruínas após 14 dias de operação israelense. Centenas de mortos, inclusive pessoal médico, prisões em massa de profissionais de saúde e de outras pessoas no hospital e arredores.
22/11/23	Carros de comboio de MSF são alvos de veículos israelenses.	**20/05/24**	Hospital Al-Awda cercado por tanques. Profissionais e pacientes obrigados a se proteger sob mesas e camas, enquanto as balas e os bombardeios destruíam janelas.
24/11/23	Carros de MSF e um ônibus alugado destruídos.	**23/05/24**	Al-Awda forçado a fechar após um cerco de quatro dias.
01/12/23	Explosão danifica hospital Al-Awda.	**22/07/24**	Ataque aéreo ao hospital Al-Aqsa.
05/12/23	Início do cerco ao hospital Al-Awda. Nos dias seguintes, dois profissionais da equipe médica foram baleados e mortos por atiradores.	**04/08/24**	Bombardeio das tendas dentro do complexo hospitalar Al-Aqsa. Três mortos e 18 feridos.
12/12/23	Um cirurgião de MSF ferido no hospital Al-Awda por atiradores do lado de fora.	**25/08/24**	Explosão a 250 metros do Al-Aqsa e ordem de evacuação nas imediações do hospital provocam pânico e a saída de cerca de 550 pacientes.
17/12/23	Maternidade do hospital Nasser é atingida por projéteis traçantes israelenses. Um paciente morto (13 anos de idade) e outros feridos.	**05/09/24**	Ataque aéreo no complexo hospitalar Al-Aqsa. Quatro mortos e 16 feridos.
		07/10/24	Ataque aéreo no complexo hospitalar Al-Aqsa. Oito feridos.

A. Ataques sistemáticos aos hospitais e à assistência humanitária

O padrão de ataques descritos, juntamente com as suas consequências previsíveis e a obstrução do acesso a cuidados médicos e assistência humanitária (ver seções abaixo), comprovam de forma evidente que as forças israelenses estão travando uma "guerra contra a saúde dos habitantes de Gaza" – guerra esta que deixou o sistema de saúde em frangalhos. Hoje, 19 hospitais estão totalmente fora de operação e apenas 17 estão parcialmente funcionais, segundo a OMS. Em de 8 de outubro de 2024, 14 hospitais permanecem acessíveis, uma vez que as forças israelenses ordenaram a evacuação de três instalações no norte de Gaza, restando praticamente nenhuma capacidade hospitalar nessa parte da Faixa. Frequentemente, chegar às unidades de saúde em funcionamento envolve risco de morte, já que não existem zonas ou corredores seguros, e os combates são incessantes.

Os ataques constantes, que obrigaram vários hospitais a suspender o funcionamento, deixaram os poucos que restavam amplamente danificados, operando com recursos e suprimentos escassos. Como resultado, a capacidade é desesperadamente insuficiente: apenas 2.158 leitos disponíveis (1.501 leitos em hospitais parcialmente funcionais e 657 em hospitais de campanha[9]), em comparação com cerca de 3.412 antes da escalada brutal da guerra[10]. As necessidades aumentaram exponencialmente devido ao enorme número de feridos e à disseminação de doenças provocadas pelas péssimas condições de vida e pelo colapso do sistema de saúde primário. Apenas 58 dos 132 centros de saúde primários estão funcionais, ainda que lutem contra a mesma escassez de suprimentos.

No início de dezembro de 2024, de acordo com comunicado do Ministério da Saúde de Gaza, o número de vítimas relacionadas à guerra atingiu 44 mil mortos e 105 mil feridos[11]. O Gabinete de Direitos Humanos da ONU publicou uma análise devastadora sobre os dados pessoais das pessoas mortas em Gaza, abrangendo o período de seis meses, de novembro de 2023 a abril de 2024, e concluiu que quase 70% das vítimas eram crianças e mulheres[12]. De acordo com um recente relatório publicado pela Oxfam, "mais mulheres e crianças foram mortas em Gaza pelas forças militares israelenses no último ano do que em período equivalente de qualquer outro conflito nos últimos vinte anos"[13]. Além disso, em maio de 2024[14], a ONU estimou que mais de 10 mil corpos permaneciam soterrados sob os escombros.

Frequentemente, os ataques aéreos israelenses em áreas densamente povoadas e abrigos resultam em eventos com inúmeras vítimas. Esses ataques inundam os poucos hospitais restantes com ondas de pacientes em estado crítico – dezenas, ou até centenas, de pessoas feridas pelas explosões, esmagadas sob os escombros ou feridas a tiros, todas necessitando de atendimento de emergência simultaneamente. A equipe médica, completamente sobrecarregada, não tem alternativa a não ser tratar os pacientes no chão, tentando salvar vidas no meio de um caos absoluto, com cadáveres enfileirados a poucos metros de distância. Muitas vezes, são forçados a trabalhar com equipamentos insuficientes, enfrentando a falta de suprimentos vitais como medicamentos para controle da dor, além do risco iminente de o hospital ser forçado a fechar pela falta de combustível para manter a eletricidade. Esses acontecimentos forçam ainda as instalações de saúde a dar alta aos pacientes mais cedo do que deveriam, para liberar espaço, prejudicando gravemente a possibilidade de uma recuperação adequada, se é que ela existe.

Guillemette Thomas, coordenadora médica de MSF na Palestina - 17 de outubro de 2023

"A capacidade de tratamento já está em colapso. Os profissionais de saúde não conseguem mais tratar os feridos adequadamente, nem sequer admitir novos pacientes, e tudo é feito em condições extremamente precárias, com equipe insuficiente e sem o equipamento médico necessário. Há um fluxo constante de pacientes e pessoas gravemente feridas, com traumas complexos, queimaduras, fraturas e membros esmagados."

Javid Abdelmoneim, coordenador-geral da equipe médica de MSF - 21 de agosto 2024

"Cada dia de julho foi um choque após o outro. [No dia 24 de julho], entrei atrás de uma cortina, e lá estava uma garotinha sozinha, morrendo sozinha.

9 OMS, Território Palestino – Atualização da Situação de Emergência – Disponível aqui

10 Estado do sistema de saúde em Gaza durante a guerra Israel-Hamas | Correspondência da The Lancet – Dezembro de 2023 – Disponível aqui

11 Painel do Aglomerado de Saúde dos Territórios Palestinos Ocupados – Disponível aqui

12 Relatório do Gabinete de Direitos Humanos da ONU: Relatório de atualização semestral sobre a situação dos direitos humanos em Gaza: 1 de novembro de 2023 a 30 de abril de 2024 – Disponível aqui

13 Mais mulheres e crianças mortas em Gaza por militares israelenses do que em qualquer outro conflito recente em um único ano | Comunicado de imprensa OXFAM 24 de setembro de 2024| Disponível aqui

14 Teme-se que 10 mil pessoas tenham sido soterradas sob os escombros em Gaza | História da ONU 2 de maio de 2024– Disponível aqui

E esse é o resultado de um sistema de saúde em colapso: uma menininha de 8 anos, morrendo sozinha em uma maca no pronto-socorro. Em um sistema de saúde funcional, ela teria sido salva."

Karin Huster, referente médica de MSF em Gaza - 5 e 11 de junho de 2024

"Há feridos por todo os lados... Os corpos são transportados em sacos plásticos, o cheiro de sangue é insuportável. Centenas de pessoas estão no hospital à espera de notícias dos seus entes queridos feridos nos bombardeios. Corpos em mortalhas brancas estão estendidos lado a lado no necrotério. Na sala de emergência, é o apocalipse. A situação era desesperadora (...) Crianças cinzentas ou esbranquiçadas pelo choque, queimadas, chamando pelos pais, outras incapazes de gritar porque estão em choque... Nada justifica o que vi hoje. Estas crianças, o bebê de três meses, a criança de sete anos, a criança de doze anos que morreu, o homem de 25 anos, a mulher de 78 anos, todos com ferimentos horríveis: por que mereciam isto?"

Paciente - mulher, 19 anos - 28 de setembro de 2024

"Fui ferida em 21 de agosto, quando a casa em que estava foi bombardeada. Um míssil entrou no cômodo e caiu no porão abaixo de nós. Minha perna teve que ser amputada. Depois que o míssil atingiu o porão, todos lá embaixo foram mortos, cerca de 30 a 40 pessoas. Acordei sob os escombros, gritando. Fui carregada até um tuk-tuk e me levaram para o hospital. O tuk-tuk balançava porque as estradas estão irregulares. Honestamente, se minha perna já não estivesse quebrada, teria quebrado de tanto balançar enquanto dirigíamos. Quando chegamos ao Hospital Nasser, simplesmente me colocaram no chão porque havia feridos demais e muitos cadáveres."

Profissional de MSF, morando no acampamento de Nuseirat, na Área Central - 12 de junho de 2024

"Durante o que pareceu uma hora interminável, eu não sabia onde estava meu filho mais velho. Ele tinha ido ao mercado mais cedo e, em poucos minutos, tudo mudou. Havia sons de mísseis e explosões por toda parte. Não sabíamos o que estava acontecendo. Todos estavam gritando e correndo em todas as direções, você ouve sirenes de ambulâncias, parece o fim do mundo.

Eu verifico se meu filho voltou e percebo que ele deixou o celular em casa. Saio, grito o nome dele na rua. Minha família tenta me fazer voltar para dentro de casa. Eu grito tanto que perco a voz. Uma hora depois, meu filho chega em casa. Dá para ver o medo e o terror no rosto dele, ele mal consegue falar. Ele diz: 'Pai, as pessoas foram explodidas!' Eu o abraço e choro. Pela primeira vez, me sinto impotente.

Então, fui à clínica Al-Awda, que fica a apenas alguns metros de casa em Deir Al-Balah. Vi dezenas de pessoas deitadas no chão. Algumas estavam mortas, outras feridas. Uma ambulância chegou, trazendo três mortos e quatro feridos. Um colega me ligou, seu irmão tinha sido atingido nas costas por estilhaços e estava vomitando sangue. Ele me perguntou o que deveria fazer, mas eu não sabia como ajudá-lo. Não havia ambulâncias. Eu disse a ele para aplicar pressão na ferida e rezar para que ele ficasse vivo. Dezenas de pessoas haviam sido mortas. Não tivemos tempo de enterrá-las. Eram meus vizinhos, meus amigos e pessoas da minha família. Homens, mulheres e crianças."

Javid Abdelmoneim, coordenador-geral da equipe médica de MSF em Gaza - 20 de julho de 2024

"O hospital rapidamente se tornou um caos. Uma criança de três anos foi ferida, seus pais estavam preocupados porque ela estava me olhando fixamente. Eu pensei que ela estava bem, porque estava respirando, mas quando retirei o curativo, dava para ver o osso na coxa esquerda dela. Segundos depois, as portas se abriram com um estrondo. Quatro ou cinco pessoas feridas entraram, alguns deles socorristas. Entre os feridos estava um menino que não estava respirando. Tentamos reanimá-lo, quando a enfermeira nos olhou e perguntou por que estávamos cuidando dele quando poderíamos estar salvando outras vidas. Ninguém teve coragem de declarar sua morte e seguir para a próxima pessoa. Ele era filho de alguém. Mas tivemos que seguir para o próximo, depois para outro, e isso continuou por quatro horas e meia.

Na sala de emergência, o sangue cobria todo o chão e eu tinha de me ajoelhar para cuidar dos pacientes no chão. Estavam espalhados por todo o lado, já

não havia leitos. Sentia os meus joelhos ficando ensopados de sangue. Ao mesmo tempo, chegavam cada vez mais pacientes.

Já trabalhei em situações semelhantes, com fluxos intensos de feridos em todo o mundo, e o cheiro de sangue é o mesmo onde quer que estejamos. Mas aqui, em Gaza, o horror adquire outro sentido. No meio do nosso trabalho, vimos o nosso colega, um anestesista de MSF, na sala de emergência. Perguntei-lhe o que estava fazendo ali e porque não estava no centro cirúrgico. 'Acabei de saber que a minha casa foi destruída e que a minha filha e o meu sobrinho estão aqui, em algum lugar', respondeu. Mais tarde, soubemos que o sobrinho tinha sido morto."

Uma equipe de MSF relatou uma alta porcentagem de infecções entre os novos pacientes feridos (13,3[15]%), revelando questões como más condições de higiene (tanto onde moram quanto onde receberam atendimento) e dificuldade de chegar às unidades de saúde para o tratamento adequado das feridas.

Kamil, enfermeira de emergência de MSF – 10 de julho de 2024

"Os pacientes que atendi durante esta guerra são diferentes dos de guerras anteriores. A maioria apresenta queimaduras profundas, com estilhaços. Muitos perderam membros ou têm feridas infectadas. Nunca esquecerei o cheiro da infecção - cheira a óleo estragado."

Foram abertos dez hospitais de campanha por organizações humanitárias e/ou por meio da colaboração bilateral com alguns países da região, mas em 2 de outubro de 2024[16], somente cinco deles estavam em pleno funcionamento. Essas estruturas não têm capacidade de preencher a lacuna na área da saúde, nem têm como objetivo substituir as instalações pré-existentes que foram danificadas ou destruídas.

As estruturas de saúde existentes antes da escalda da guerra continuam a ser, inequivocamente, as mais relevantes de apoio em termos de sustentabilidade. Após a destruição do sistema de saúde de Gaza devido à ofensiva israelense e ao uso desproporcional de força, MSF abriu dois hospitais de campanha - um último recurso para atender às necessidades médicas crescentes. O colapso das instalações de saúde, as constantes ordens de evacuação, a insegurança generalizada e o afluxo diário de pacientes feridos não deixaram outra opção. No entanto, os hospitais de campanha não podem substituir um sistema de saúde funcional. MSF montou seu primeiro hospital de campanha no final de agosto de 2024, ocasião em que a maioria dos 650 pacientes do Hospital Al-Aqsa teve que fugir quando a instalação foi atacada pelas forças israelenses.

Sohaib Safi, coordenador médico adjunto de MSF – agosto de 2024

"Nenhuma quantidade de hospitais de campanha substituirá o que era um sistema de saúde funcional em Gaza. Este é o último recurso para fornecer os cuidados médicos urgentemente necessários."

15 Dados de janeiro a setembro de 2024

16 OMS, Território Palestino Ocupado – Situação de Emergência Edição atualizada 47 – Disponível aqui

17 Com hospital de Al-Aqsa sob ameaça, MSF abre hospital de campanha no centro de Gaza | Comunicado à Impresa de MSF - 28 de agosto de 2024– Disponível aqui

COMO DESMANTELAR UM HOSPITAL: O CERCO AO HOSPITAL NASSER, KHAN YOUNIS[18]

- **Início de dezembro de 2023:** Milhares de pessoas procuram refúgio no hospital Nasser, em Khan Younis, para escapar dos combates. O hospital, já sobrecarregado pelos repetidos fluxos imensos de pacientes feridos, torna-se um abrigo para as pessoas deslocadas. Com dois terços dos hospitais de Gaza fora de serviço, o Hospital Nasser é um dos poucos locais que ainda oferecem cuidados médicos e refúgio.

- **17/12/2023:** A maternidade é atingida. Uma menina de 13 anos é morta e muitas outras pessoas ficam feridas.

- **15/01/2024:** Relatório de campo de Aurélie Godard, líder da equipe médica de MSF, e Léo Cans, coordenador-geral de MSF, após uma visita ao hospital Nasser.

> ***"No dia 15 de janeiro, por volta das 15 horas, um ataque aéreo atingiu os caminhões que descarregavam alimentos a 150 metros a leste do hospital. O barulho era tão forte que chegava a doer os ouvidos. Passados alguns minutos, muitos feridos chegaram ao hospital, alguns transportados por pessoas a pé, outros por ambulâncias e alguns em carros particulares. No total, oito mortos, incluindo dois meninos de 4/5 anos de idade, e 80 feridos, dos quais 20 tiveram que ser operados."***

- **21/01/24:** O hospital é sitiado por bombardeios intensos e por combates no entorno.

- **23/01/24:** Forças israelenses emitem novas ordens de evacuação para Khan Younis e para o hospital Nasser; 850 pacientes e milhares de refugiados ficam encurralados. A evacuação é impossível, os combates continuam, e as ambulâncias são bloqueadas. Naquele momento, o Nasser era um dos dois únicos hospitais no sul de Gaza capazes de tratar pacientes gravemente feridos.

Profissional de MSF encurralado no hospital Nasser

"Já não havia mais [muitos] profissionais na sala de emergência. Não havia camas, apenas algumas cadeiras e algumas enfermeiras. Trabalhamos com o que estava disponível, tentamos estancar hemorragias e separar os pacientes. Foi horrível e me afetou profundamente(...) Fui buscar um paciente no centro cirúrgico e perguntei aos poucos profissionais que restavam se podiam fornecer uma gaze abdominal. Disseram-me que não tinham nenhuma de reserva e que as que tinham já haviam sido utilizadas em vários pacientes. Usavam a gaze, depois torciam para retirar o excesso de sangue, lavavam, esterilizavam e reutilizavam esta gaze em outro paciente. É esta a realidade do centro cirúrgico do hospital Nasser, você consegue imaginar?"

- **8/02/24:** A equipe de MSF no hospital relata que os atiradores parecem ter como alvo tanto o hospital quanto as pessoas que tentam fugir, resultando em mortes e ferimentos.

18 As fontes utilizadas incluem testemunhos de profissionais de MSF, trocas de informações entre a equipe de coordenação de MSF em Jerusalém e equipes de MSF em Gaza, registradas em um diário de bordo interno, mídia e publicações de organizações humanitárias. Todas essas fontes corroboram a linha do tempo

- **13/02/24:** As forças israelenses emitem uma ordem de evacuação para as pessoas deslocadas que se abrigavam no interior das instalações do Nasser, mas dizem que a equipe médica, suas famílias, os pacientes e um cuidador por paciente estão autorizados a permanecer no hospital. Três pessoas são mortas e dez ficam feridas por fogo israelense enquanto permaneceram dentro do hospital.

- **14-15/02/24:** O hospital é bombardeado nas primeiras horas da manhã, matando uma pessoa e ferindo outras oito, apesar das garantias das forças israelenses à equipe médica e aos pacientes de que poderiam permanecer na instalação. As forças israelenses invadem o hospital ao amanhecer, destroem os equipamentos e ambulâncias e revistam as pessoas que saem do hospital. Um integrante da equipe de MSF é preso (ele já foi liberado).

Lisa Macheiner, coordenadora do projeto MSF em Gaza – 14 de fevereiro de 2024

"As pessoas são forçadas a uma decisão impossível: permanecer no hospital Nasser contra as ordens dos militares israelenses e tornar-se um alvo potencial ou sair do complexo para uma zona apocalíptica. As pessoas nos perguntam: 'Onde é seguro? Para onde devemos ir?', mas não temos resposta para isso, o que nos leva ao desespero."

- **15/02/24:** os pacientes são evacuados em pequenos grupos para hospitais de campanha próximos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) recebe duas negativas de acesso ao Nasser. Em 16/2, cinco pacientes morrem devido à falta de energia elétrica, que impediu o atendimento. Em 17/2, o hospital fica sem comida e sem água.

Paciente, relembrando os acontecimentos – setembro de 2024

"Fui operado para colocar uma placa de metal no corpo devido a ferimentos por estilhaços nas costas e no abdômem. No final de fevereiro, os tanques [israelenses] chegaram ao hospital Nasser. Após dois dias de alertas para evacuação, o hospital foi invadido. Eu fui capturado, torturado e interrogado. Houve revistas e interrogatórios, com espancamentos, claro. Os alvos eram homens jovens com barba. Marcavam as pessoas com um "X": um "X" na testa significava interrogatório em campo mais interrogatório em um local para onde nos levassem; um "X" no joelho significava apenas interrogatório em campo.

Um dos métodos de tortura consistia em arrancar quaisquer placas de metal que tivessem em seu corpo. Nunca esquecerei a visão deles arrancando a placa de metal do corpo de alguém - está gravada na minha memória."

- **22/02/24:** As forças israelenses deixam o hospital severamente danificado e fora de serviço. Água, comida e eletricidade ainda não estão disponíveis.

- **27/02/24:** 120 pacientes ainda estão no hospital Nasser.

As forças israelenses realizaram ataques semelhantes contra o hospital pediátrico Al-Nasr, o hospital Al-Quds e o Al-Shifa na Cidade de Gaza, tal como testemunhado por nossas equipes. [19] [20]

> **Os ataques ao hospital Nasser pelas forças israelenses foram deliberados, metódicos e extremamente violentos. De acordo com a equipe de MSF, eles mataram pacientes direta ou indiretamente, presumivelmente devido à falta de cuidados e de pessoal, deslocaram à força milhares de pessoas que já haviam sido deslocadas inúmeras vezes e desmantelaram uma instalação de saúde vital, aumentando a pressão sobre as restantes e reduzindo o acesso a cuidados para uma população desesperadamente necessitada.**

19 Profissionais do hospital de Gaza: "Não posso sair se vocês estiverem atirando em mim" | MSF Notícias e Artigos, 1 de dezembro de 2023 – Disponível aqui
20 Forças israelenses deixam o hospital Al-Shifa em ruínas | MSF Notícias e Artigos, 1 de abril de 2024– Disponível aqui

AL-AQSA, DEIR AL-BALAH: UM HOSPITAL ATACADO DIVERSAS VEZES

Este importante hospital na Área Central foi atacado pelas forças israelenses pelo menos sete vezes em 2024, durante os 12 primeiros meses de hostilidades. Em janeiro, com intensos combates, drones e franco-atiradores ao seu redor, as equipes de MSF foram obrigadas a evacuar e a suspender as suas atividades. Cinco distintos ataques aéreos israelenses atingiram o complexo hospitalar em 31 de março, 22 de julho, 4 de agosto, 5 de setembro e 7 de outubro de 2024, matando e ferindo muitas das pessoas que ali encontraram abrigo. Em 25 de agosto, uma nova ordem de evacuação israelense e uma grande explosão obrigaram muitas pessoas a abandonar o hospital: apenas 100 das 650 pessoas ficaram, de acordo com o Ministério da Saúde local. Durante semanas, Al-Aqsa lutou para absorver a sobrecarga causada pelos hospitais destruídos pelas forças israelenses no centro-norte.

Sohaib Safi, coordenador médico adjunto de MSFem Gaza, em depoimento publicado em 28 de agosto de 2024

> ***"Hoje, o hospital Al-Aqsa está quase irreconhecível. Antes da ordem de evacuação e das explosões, o hospital estava tão lotado que às vezes os pacientes tinham de ser tratados no chão. Os pacientes estavam em todos os lugares, muitas vezes em filas na frente do hospital, procurando desesperadamente atendimento. O hospital parece muito vazio [agora]."***
>
> ***"O clima é de ansiedade devido à ameaça iminente [de ataque], encontramos vários pacientes com queimaduras, feridas complicadas e pessoas com necessidade de amputação, que atualmente estão recebendo atendimento no hospital. Esses casos são provavelmente uma porção ínfima – sabemos que há muito mais pessoas que precisam de cuidados urgentes e que não conseguem chegar ao hospital."***

1. Trabalhadores humanitários sob ataque

Desde 7 de outubro de 2023, os trabalhadores humanitários estão totalmente expostos à guerra total de Israel contra Gaza. Muitos destes profissionais foram mortos ou feridos enquanto prestavam ajuda ou se abrigavam com as suas famílias. Também foram mortos ou mutilados quando veículos de ajuda humanitária, edifícios e abrigos foram atingidos ou alvos das forças israelenses.

Em 18 de novembro de 2023, um comboio de MSF composto por cinco veículos, com profissionais da organizaçãoe suas famílias, incluindo crianças, todos identificados de forma evidente, deixou as instalações de MSF na Cidade de Gaza em direção ao Sul. O deslocamento foi autorizado pelas partes em conflito e seguiu a rota indicada pelas forças israelenses. MSF recebeu várias confirmações de recebimento/autorização por parte

das autoridades israelenses para sua solicitação de coordenar o movimento de evacuação, tanto por telefone como por e-mail. As fotos e as placas dos veículos de MSF também foram compartilhadas. No posto de controle, as equipes de MSF foram informadas de que, ao contrário do que foi afirmado pelas autoridades israelenses, não estavam autorizadas a se deslocar para Sul com os seus veículos. As equipes de MSF esperaram durante mais de três horas, enquanto uma enorme multidão enfrentava o gargalo do processo de triagem das forças israelenses. A situação era caótica, ouviam-se tiros. Temendo pela segurança, a equipe regressou às instalações de MSF: As forças israelenses foram mais uma vez informadas.

De volta à Cidade de Gaza, os integrantes do comboio notaram tanques à distância e homens armados nos edifícios. Os tanques abriram fogo. Uma pessoa morreu no local, enquanto outra, ferida, morreu mais tarde, sem possibilidade de ser evacuada para receber tratamento médico necessário. Após ter colhido testemunhos do pessoal de MSF presente nesse episódio, MSF acredita que todas as informações apontam a responsabilidade deste ataque ao exército israelense[21]. Após esses acontecimentos, MSF notificou novamente a presença de seus profissionais e familiares, incluindo crianças, enviou novamente as coordenadas de GPS e fez um novo pedido para coordenar a evacuação.

Dois dias após o ataque (20/11), uma escavadeira israelense escoltada por tanques destruiu metodicamente os cinco carros de MSF estacionados em frente à clínica/casa de MSF, fato testemunhado pelos profissionais da organização. Uma parede da clínica foi derrubada, parte do edifício foi engolido pelo fogo. Como esses veículos eram o único meio de transporte para o pessoal de MSF e seus familiares chegarem ao Sul, novos veículos foram enviados do Sul para a Cidade de Gaza, em um trajeto coordenado com a ONU e as autoridades israelenses: mas foram alvejados por franco-atiradores quando se aproximavam das instalações de MSF e destruídos na madrugada de 24 de novembro.

> **Até hoje, as forças israelenses se beneficiam da total impunidade por estes ataques a MSF. A organização pediu explicações ao COGAT[22] - o nosso principal interlocutor em Israel para a Palestina - e a outras autoridades israelenses em inúmeras ocasiões, mas no momento da redação deste relatório, MSF não havia recebido qualquer resposta oficial. MSF reitera o seu apelo por uma investigação independente, a fim de apurar os fatos e as responsabilidades.**

Profissional de MSF relembra os eventos de 18 de novembro de 2023

"Quando chegamos na rua Al-Wahida, que fica perto do nosso escritório, nossa casa e nossa clínica, vi tanques e atiradores no topo dos edifícios. Eu fiquei aterrorizado quando vi que os atiradores e os tanques apontavam as suas armas para nós, especialmente para a quarta e a quinta vans [do comboio].

Eles abriram fogo contra nós, e quando uma bala passou de raspão na minha testa, tive um ferimento superficial. O projetil atingiu meu colega Alaa na cabeça; ele estava sentado ao meu lado. Ele sofreu um ferimento grave na cabeça e sangrou muito. A cabeça dele caiu sobre o volante, eu imediatamente retomei o controle da direção para ir para a direita da rua.

Chegamos à clínica e iniciamos procedimentos de emergência em Alaa, para estancar a hemorragia. Não pudemos fazer nada. Ele morreu enquanto tentávamos salvar sua vida. Nós nos levantamos, chocados com a morte dele e com tudo o que nos tinha acontecido. Eu estava sem palavras e simplesmente não conseguia pensar. Os meus filhos choravam, as pessoas discutiam como enterrar o nosso colega. E ainda tínhamos outra pessoa ferida no abdômen."

"Dois dias depois, após o ataque ao comboio, uma escavadeira que estava abrindo caminho para os tanques israelenses destruiu os nossos carros, atirando-os para longe, nos lados direito e esquerdo da rua. Ouvimos um som estranho, como carros sendo esmagados, e tiros. Olhei pela janela e vi. Os carros foram empurrados para o lado e um incêndio começou. Os meus colegas estavam na clínica, e temi que o fogo os atingisse. O fogo se alastrou pelas árvores [junto à clínica]. A fiação elétrica também se incendiou; foi uma cena horrível."

21 Ataque ao comboio de MSF em Gaza: Todos os dados apontam para a responsabilidade do exército israelense | Médicos Sem Fronteiras - Comunicado de imprensa dos EUA, dezembro de 2023 – Disponível aqui

22 Coordenador das Atividades Governamentais nos Territórios: a equipe oficial israelense responsável pela coordenação e facilitação de iniciativas humanitárias em Gaza.

Por duas vezes, os abrigos de MSF - edifícios alugados por MSF para alojar profissionais de MSF e suas famílias - foram diretamente atingidos. Três familiares foram mortos e nove pessoas ficaram feridas.

No dia 8 de janeiro de 2024, um granada atravessou a parede do prédio em Khan Younis, onde estavam abrigados mais de 100 profissionais de MSF com as suas famílias.[23] A filha de 5 anos de idade de um colega de MSF ficou gravemente ferida pelo ataque e morreu posteriormente devido aos ferimentos; outras três pessoas ficaram feridas. MSF conseguiu confirmar que as forças israelenses foram responsáveis pelo bombardeio, e que o alvo não era nosso alojamento, mostrando total ausência de precauções para evitar danos desnecessários a civis.

Antes do incidente, a localização do abrigo foi notificada por MSF às forças israelenses, informando que o pessoal humanitário e os seus familiares se encontravam alojados naquele local, e nenhuma ordem de evacuação para a área foi emitida antes do ataque. Vários integrantes da equipe de MSF prosseguiram com o seu trabalho humanitário e médico em Gaza, apesar da situação difícil em Khan Younis na época. MSF imediatamente contatou as autoridades israelenses após o incidente e ainda busca explicações.

Thomas Lauvin, coordenador do projeto MSF em Gaza

"Ataques a civis são inaceitáveis e, mais uma vez, mostram que não importa onde se esteja em Gaza, nenhum lugar é seguro. O projétil não detonou com o impacto, caso contrário, provavelmente muitos outros profissionais ou seus familiares teriam sido mortos."

No dia 20 de fevereiro, um tanque israelense disparou contra um edifício que abrigava 64 profissionais de MSF e as suas famílias, em Al-Mawasi, uma área que anteriormente as forças israelenses haviam declarado como zona segura. O ataque matou dois familiares de profissionais de MSF e feriu seis pessoas. As balas atingiram o portão da frente, a parede externa do prédio e o andar térreo. As forças israelenses foram informadas da localização específica deste abrigo, que estava identificado de forma evidente como sendo de MSF, com uma bandeira de dois por três metros da organização hasteada no muro, onde a equipe de MSF e os familiares estavam abrigados. Não foram emitidas ordens de evacuação nem avisos antes do ataque.[24]

Christopher Lockyear, secretário-geral de MSF em discurso no Conselho de Segurança da ONU[25] – 22 de fevereiro de 2024

"E o padrão se repete - as forças israelenses atacaram os nossos comboios, detiveram o nosso pessoal, destruíram os nossos veículos, e os hospitais foram bombardeados e invadidos. Agora, novamente, um dos alojamentos do nosso pessoal foi atingido. Ou esse padrão de ataques é intencional ou é um indicativo de incompetência irresponsável. Os nossos colegas em Gaza têm medo de que, conforme eu pronuncio hoje essas palavras, eles sejam punidos amanhã."

---

2. Morte de cerca de 2,5% da força de trabalho médica

Durante os anos que antecederam a guerra, o bloqueio israelense e a instabilidade política levaram muitos profissionais de saúde[26] para o exterior, deixando lacunas críticas nos cuidados de saúde. A guerra precipitou a situação: um número desconhecido de especialistas deixou Gaza entre o início da guerra e o fechamento de Rafah, em maio de 2024. Muitos também foram detidos ou mortos. O Gabinete dos Direitos Humanos da ONU denunciou o assassinato de 500 profissionais de saúde[27], dos quais pelo menos 55 especialistas, segundo o Ministério da Saúde, e 214 profissionais de saúde estão atualmente detidos, segundo a OMS[28]. De acordo com um artigo publicado em junho[29] pela instituição de caridade britânica Medical Aid for Palestinians (MAP

23 Gaza: MSF condena ataque a abrigo que matou filha de 5 anos de funcionário | Comunicado de imprensa da MSF, janeiro de 2024 – Disponível aqui
24 MSF condena veementemente ataque israelense ao abrigo da MSF em Al-Mawasi, que matou dois e feriu seis | Comunicado de imprensa da MSF, fevereiro de 2024– Disponível aqui
25 Conselho de Segurança das Nações Unidas – Disponível aqui
26 Os médicos de Gaza estavam construindo um sistema de saúde. Então veio a guerra | Reuters – junho de 2024. Maggie Fick, Ahmed Aboulenein e Saleh Salem. Disponível aqui
27 Declaração da ONU sobre o assassinato e a detenção arbitrária de profissionais de saúde em Gaza, 25 de junho – Disponível aqui
28 Painel do Aglomerado de Saúde da Palestina – Disponível aqui
29 '500 profissionais de saúde mortos durante ataque militar de Israel em Gaza | MAP UK – Disponível aqui

UK), isso equivale a uma média de dois profissionais de saúde mortos todos os dias, representando 2,5% dos profissionais de saúde de Gaza mortos. Desde outubro, foram mortos em Gaza mais profissionais de saúde do que em todos os conflitos mundiais em 2021 e 2022 juntos. Em um sistema de saúde já enfraquecido, que enfrenta um gigantesco aumento das necessidades, a perda de profissionais de saúde, incluindo especialistas, é crítica.

B. Mortos, mutilados e privados de cuidados: consequências da guerra para a população

1. Pessoas mortas longe das bombas: o sofrimento por doenças crônicas

Ao aniquilar a capacidade de tratamento de doenças crônicas, os ataques ao sistema de saúde de Gaza estão também matando pessoas longe dos combates. Segundo o Ministério da Saúde local, cerca de 10 mil pacientes oncológicos em Gaza não dispõem de cuidados. Os danos causados pelos ataques israelenses e a falta de acesso a combustível obrigaram o fechamento do centro de oncologia do Hospital da Amizade Turco-Palestina, em novembro de 2023. Em setembro de 2024, apenas dois pequenos serviços de oncologia funcionavam com capacidade limitada nos hospitais Nasser e Al-Aqsa. A quimioterapia, parcialmente disponível antes de outubro de 2023, não está mais disponível. A radioterapia exigia encaminhamento para Israel ou para a Cisjordânia, que foi totalmente proibido pelas autoridades israelenses.

A cirurgia especializada para os 45 mil pacientes com doenças cardiovasculares (fonte: OMS[30]), a principal causa de morte em Gaza antes de outubro de 2023[31], não estava disponível até meados de setembro de 2024, altura em que a capacidade de tratamento foi parcialmente restabelecida, mas ainda é amplamente insuficiente. Ao negar quase todos os pedidos de evacuação médica para fora de Gaza, as autoridades israelenses privam os doentes pediátricos cardíacos com cardiopatias congênitas de cuidados especializados no exterior.

Paciente, homem, 32 anos de idade - 24 de setembro de 2024

"Há um ano que a minha mãe não toma a medicação para a hipertensão arterial e diabetes. Durante algum tempo, não estava disponível na farmácia e, quando estava disponível, era caro demais".

Paciente, homem, 34 anos de idade - 29 de setembro

"O meu pai sofre de diabetes e hipertensão arterial. A minha mãe faleceu devido à indisponibilidade de medicamentos e tratamentos. Ela sofria de um problema neurológico e tomava medicação. O meu pai costumava ir ao hospital Nasser para buscar os medicamentos para ela. Quando os israelenses entraram no Nasser, a situação se deteriorou e não conseguimos mais obter medicamentos para a minha mãe. Ela faleceu apenas uma hora após ter ficado gravemente doente."

Em 28 de agosto de 2024, o único hospital psiquiátrico de Gaza ficou inoperante, como consequência dos danos sofridos em 5 de novembro de 2023[32]. Em 20 de agosto de 2024, apenas um dos seis centros comunitários de saúde mental estava funcionando, e apenas com uma capacidade mínima. A escassez, a insegurança, os deslocamentos recorrentes e as péssimas condições de vida impactam negativamente a saúde mental da população, em especial a que sofre de condições mentais pré-existentes. Segundo a OMS, há mais de 485 mil pessoas com transtornos mentais na Faixa de Gaza.

O impacto dos ataques às instalações de saúde e da campanha de bombardeios em massa abrange a perda de registos médicos, a redução da capacidade de diagnóstico (em setembro de 2024, só dois aparelhos de tomografia estavam disponíveis, mas apenas um deles permanecia acessível) e a impossibilidade de armazenar medicamentos em condições adequadas devido à destruição das farmácias, causando mais perdas de tratamentos. Este fato, associado aos saques resultantes do colapso total da lei e da ordem na Faixa de Gaza, criou um mercado negro de medicamentos mal armazenados e superfaturados.

> **Israel deve implementar ações urgentes para proteger as instalações de saúde, restabelecer linhas de abastecimento eficazes e facilitar o acesso dos pacientes. Além das bombas e dos tiroteios, a guerra está tirando vidas devido à falta de tratamento para doenças crônicas e outras condições de saúde críticas.**

2. Cuidados médicos fora de Gaza negados

As pessoas em Gaza foram frequentemente obrigadas a buscar tratamento especializado em outros locais muito antes de outubro de 2023, uma vez que o bloqueio israelense de 16 anos prejudicou seriamente o desenvolvimento da capacidade local. Os principais destinos eram a Cisjordânia, incluindo Jerusalém Oriental. No entanto, pacientes que buscavam evacuação médica tinham sistematicamente seus

30 OMS, Palestina – Situação de Emergência Edição Atualizada 41 – Disponível aqui

31 Ministério da Saúde_2022_Relatório Anual.pdf

32 Palestina: impacto do conflito na saúde mental e nas necessidades de apoio psicossocial em Gaza | ACAPS - Setembro de 2024 – Disponível aqui

pedidos negados pelas autoridades israelenses: entre 2008 e 2022, mais de 70 mil, ou 30% das solicitações, foram adiadas ou negadas[33].Em outubro de 2023, as evacuações sob o sistema pré-existente foram abruptamente interrompidas, justamente quando o número de pessoas que precisavam delas aumentou quase da noite para o dia. Graças à coordenação da OMS, ainda foi possível evacuar um pequeno número de pacientes, mas até 30 de setembro de 2024, menos de 39% das solicitações foram aprovadas (6.075 de 15.600) e pouco menos de um terço (5.138) foram realizadas. Contudo, os dados cumulativos não refletem a situação atual. Desde o fechamento da passagem de Rafah, em 7 de maio de 2024, momento em que as autoridades israelenses assumem controle total do chamado "corredor de Filadélfia", as evacuações médicas cessaram quase que totalmente: a partir deste momento, 1,6% das pessoas que necessitavam de uma evacuação conseguiu obtê-la (229 pacientes), uma gota num oceano de necessidades[34]. Hoje, estima-se que 14 mil pacientes ainda aguardam autorização[35].

O processo é longo e complicado: os pacientes passam primeiro por um comitê médico de evacuação, sob a alçada do Ministério da Saúde de Gaza, que define os casos prioritários e os encaminha para a OMS para posterior processamento e coordenação com os potenciais países de acolhimento. Estes países ou a OMS solicitam então a aprovação das autoridades israelenses, cujos critérios obscuros, tanto para os pacientes como para os cuidadores, geram a grande maioria de negativas sem explicação.

Metade das pessoas evacuadas são pacientes oncológicos (50%), seguidas das que sofreram ferimentos de guerra (42%). Apenas 14% dos pedidos de evacuação para os homens considerados "em idade de combate" (19 a 60 anos) foram aprovados.

MSF trabalha para facilitar as evacuações médicas, analisando os prontuários dos pacientes, coordenando e defendendo a sua posição junto a vários países e à OMS. Até o início de outubro de 2024, MSF compilou 89 prontuários de pacientes, a maioria feridos de guerra que precisavam de cirurgia ortopédica e pacientes oncológicos. Treze pacientes, todos eles crianças, foram evacuados: 10 para a Jordânia diretamente por MSF, onde foram admitidos no programa de cirurgia reconstrutiva de MSF em Amã, e três para os Emirados Árabes Unidos, por meio da coordenação da OMS.

As autoridades israelenses negaram, sem justificativa ou razão aparente, vários pedidos que incluíam crianças feridas e seus cuidadores.

Hani Isleem, coordenador do projeto de MSF para evacuações médicas de Gaza (Amã) – 10 de setembro de 2024

"Dos oito casos para os quais solicitamos evacuação médica em agosto, apenas três foram aprovados pelas autoridades israelenses. Talvez desconfiem de permitir a evacuação de adultos, mas essa desconfiança não pode explicar a recusa em evacuar crianças."

Karam, 17 anos, e seu pai, Ziyad

Em 14 de fevereiro de 2024, um ataque aéreo israelense destruiu a casa de Karam em Gaza, matando todos os seus familiares, exceto sua irmã de 7 anos, Ghina, e seu pai, Ziyad. Karam ficou gravemente ferido, com queimaduras por todo o

rosto e corpo.

"Eu cheguei ao pronto-socorro e havia corpos espalhados pelo chão", conta Ziyad. "Encontrei a minha filha, Ghina, com queimaduras de primeiro grau no rosto, nos ombros e nas costas. Quando Karam foi levado para a sala de emergência, não o reconheci: não tinha feições humanas. Não tinha mais roupas. O seu corpo estava completamente preto. Os seus olhos estavam fechados."

Após estabilizar Karam, as equipes de MSF e do Ministério da Saúde no hospital Al-Aqsa realizaram seis rodadas de cirurgia plástica no corpo gravemente queimado de Karam. Durante sete dias, ele ficou em coma. Foi então evacuado para o hospital flutuante dos Emirados em Al-Arish, no Egito, e transportado de avião para o hospital de cirurgia reconstrutiva de MSF em Amã, onde está recebendo reabilitação abrangente com a sua irmã. Cinco meses após o catastrófico ataque à sua casa, Karam está andando

33 15 anos de bloqueio à saúde em Gaza | OMS julho de 2022– Disponível aqui

34 Atualização da Situação Humanitária #217 | Faixa de Gaza | OCHA - 13 de setembro de 2024– Disponível aqui

35 Painel do Aglomerado de Saúde da Palestina – Disponível aqui

novamente, consegue mover o braço esquerdo e o seu olho esquerdo está reabrindo lentamente - uma recuperação quase milagrosa, tendo em vista que a equipe médica do hospital de Al-Aqsa chegou a considerá-lo morto.

As autoridades israelenses devem facilitar as evacuações médicas para todos os pacientes que precisam receber tratamento não disponível em Gaza. Eles devem poder viajar com pelo menos um acompanhante e não deve haver prejuízo ao direito deles de um retorno seguro, voluntário e digno a Gaza.

II. DESLOCAMENTO FORÇADO ANIQUILANDO UMA POPULAÇÃO EM VULNERABILIDADE

A. Ordens de evacuação como uma arma letal na guerra de Israel

A guerra já dura mais de um ano, e desde o seu início, as ordens de evacuação têm sido uma parte fundamental da campanha das forças israelenses contra os palestinos em Gaza. As primeiras ordens foram emitidas em 13 de outubro de 2023, exigindo que 1,1 milhão de pessoas se deslocassem para o Sul em poucas horas, levando a um êxodo em massa do norte de Gaza para as áreas central e sul da Faixa de Gaza.[36]

Esta foi a primeira ordem de evacuação em uma longa lista do que deveria ser mais precisamente descrito como ordens de deslocamento forçado: frequentemente direcionadas a centenas de milhares de pessoas de uma só vez, essas ordens deixam quase nenhum tempo ou opções para que elas se desloquem com segurança, não oferecendo rotas seguras ou destinos viáveis. Aqueles que conseguem chegar a algum lugar acabam amontoados em áreas superlotadas e inabitáveis, sem suprimentos básicos, incluindo comida e água, aguardando a próxima rodada de ordens de evacuação para lutar pela sobrevivência novamente. Civis são ordenados a ir para áreas designadas como "zonas seguras" pelas forças israelenses, apenas para serem atingidos por ataques aéreos mortais quando estão se abrigando lá: muitos morreram simplesmente por procurar abrigo exatamente onde lhes foi dito para ir. Isto aconteceu, por exemplo, em 10 de setembro de 2024,

36 Com o fim das ordens de evacuação no norte de Gaza, MSF pede proteção aos civis | MSF – 14 de outubro de 2023 – Disponível aqui

quando ataques aéreos israelenses atingiram um acampamento improvisado que abrigava milhares de pessoas deslocadas em Al-Mawasi, uma área chamada de "zona humanitária" pelas forças israelenses. As pessoas que estavam lá haviam sido forçadas a se mover das partes orientais de Khan Younis e Rafah.[37]

A ideia de que civis são ordenados a sair para alcançar a segurança é uma mentira descarada. Aqueles que tentam fugir frequentemente se veem presos no meio de combates e bombardeios ou até mesmo são alvos enquanto estão em movimento, sem qualquer distinção entre civis e combatentes. Longe de proteger os civis, essas ordens configuram um padrão de deslocamento forçado repetido, que só aumenta o sofrimento físico e mental das pessoas em Gaza.

Paciente, mulher, 33 anos - 23 de setembro de 2024

"Há dois meses, estávamos em uma área que pensávamos ser segura. Mas, sem aviso, os tanques começaram a disparar granadas. [...] Eu agarrei meu marido e meu filho, fiz com que andassem na minha frente, esticando os braços para protegê-los. Uma granada caiu entre eles, na minha frente. Estávamos em terras agrícolas, cheias de cabanas de palmeiras. As cabanas pegaram fogo. As pessoas que moravam lá não estavam ligadas a nenhum partido ou facção.

Depois da explosão, gritei por socorro. Um dos vizinhos saiu, viu o meu filho com a perna mutilada e começou a chorar. Voltei-me para o meu marido, Ahmed, cuja condição parecia melhor do que a do nosso filho. Disse-lhe: 'Ahmed, espere... O ferimento do Hamoud é pior. Deixe-me socorrê-lo e já volto para você'. O meu marido estava sofrendo, mas consentiu com a cabeça. Um vizinho levou o meu filho e uma bicicleta e encontrou uma ambulância no caminho. Voltei para junto do meu marido, mas não encontrei ninguém que o levasse. Vi um caminhão-pipa passando e implorei ao motorista: 'Por favor, leve o meu marido ao hospital. Eu te darei tudo o que quiser.'

Quando tive a certeza de que o meu marido e o meu filho seriam transportados para o hospital, olhei à minha volta e vi uma menina cuja cabeça havia sido mutilada. Recolhi seus restos mortais. Encontrei também um homem sem batimentos, então cobri seu rosto com a camisa. Cheguei ao hospital, com sentimento profundo de que estava prestes a perder o meu filho. Fui me despedir. Perguntei pelo meu filho, e me disseram que ele estava bem, até estável. Senti-me aliviada e agradeci a Deus. Mas então me disseram que o meu marido tinha falecido. Entrei em choque novamente, me culpando por ter priorizado o filho ao pai.

Quando lá cheguei, encontrei os dois, lado a lado na sala de emergência. O meu filho os viu cobrindo os olhos do pai e perguntou: 'Mamãe, por que eles estão cobrindo os olhos do Baba?' Demorou apenas cinco minutos para o nosso mundo virar de ponta-cabeça [...].

O osso do meu filho estava exposto nas articulações abaixo da pélvis. O cuidado que ele recebeu aqui salvou sua perna direita [...]. Meu filho costumava ter ataques de pânico sempre que pensava no que aconteceu, e quando quando me viu chorando, parou de falar. Ele não falou por dez dias."

Essas ordens de deslocamento são completamente imprevisíveis, muitas vezes feitas por telefone em um território atormentado por problemas frequentes de conexão e cortes de energia. Elas são frequentemente emitidas apenas algumas horas antes de um ataque — ou até mesmo depois de já ter começado. As ordens também são repetidas, às vezes para realocações em curtos períodos de tempo. A maioria das pessoas é forçada a deixar tudo para trás em cada mudança, pois não há tempo para fazer as malas nem um local seguro para guardar os pertences. As pessoas vivem em um estado constante de hipervigilância angustiante, sempre prontas para fugir para outro local desconhecido.

Somente no mês de agosto de 2024, foram dadas 16 ordens de deslocamento, afetando aproximadamente 12% da população (258 mil pessoas). Entre 19 e 24 de agosto, cinco ordens foram emitidas, o maior número em uma única semana desde o início da ofensiva.[38]

Até o início de outubro de 2024, mais de 86% da Faixa de Gaza estava afetada por mais de 40 ordens de evacuação não revertidas, emitidas apenas em 2024. Centenas de milhares de famílias deslocadas continuam sendo forçadas a se mudar para uma área de cerca de 47 quilômetros quadrados[39] (aproximadamente 13% da área total de Gaza), que se tornou superlotada e carece de infraestrutura e serviços essenciais.[40] Até a data, 1,9 milhão de pessoas, que representam 90% da população de Gaza, foram deslocadas desde o início das hostilidades.[41]

Uma pesquisa de MSF indica que, em média, nossos

37 Atualização da Situação Humanitária #217 | Faixa de Gaza | OCHA -13 de setembro de 2024 – Disponível aqui

38 Atualização da Situação Humanitária #209 | Faixa de Gaza | OCHA - 26 de agosto de 2024 – Disponível aqui

39 de 30 de agosto de 2024

40 Atualização da Situação Humanitária #211 | Faixa de Gaza | OCHA - 30 de agosto de 2024 – Disponível aqui

41 Snapshot do acesso humanitário - Faixa de Gaza | OCHA - 12 de agosto de 2024 –Disponível aqui

colegas foram deslocados pelo menos cinco vezes desde o início da guerra até o final de julho de 2024. A maioria de suas casas originais foi destruída, total ou parcialmente. Em alguns casos, eles não têm sequer informações sobre a condição atual de suas residências.[42]

Jacob Granger, coordenador de projeto de MSF – 21 de agosto de 2024

"O deslocamento forçado contínuo de pessoas é desumano. As pessoas não têm mais pertences, não têm mais para onde ir. Não há espaço para montar tendas."

Paciente, homem, 57 anos - 24 de setembro 2024

"Minha esposa, minha família e eu fomos para uma escola em busca de abrigo, dormimos em uma das salas de aula. A artilharia estava disparando no pátio da escola, e eu não tive tempo de sair da sala de aula. Minha perna foi mutilada. Levaram-me para o Hospital Kamal Adwan e me deixaram no chão. Eu havia perdido muito sangue, passei por cirurgia e curativo, mas o cheiro da minha perna era insuportável.

Então a Cruz Vermelha organizou minha transferência do norte de Wadi Gaza para o hospital Nasser, no Sul. Eles examinaram minha perna e me deram 10 bolsas de sangue antes de outra cirurgia. Continuaram amputando partes da minha perna até que o cheiro desaparecesse. Acabaram amputando acima do joelho.

Fiquei no hospital Nasser por sete meses. Quando a área perto do hospital foi atacada, fui transferido para Rafah e, depois de alguns meses, retornei ao Nasser. As enfermeiras me aconselharam a voltar ao Nasser para fazer fisioterapia porque, apesar de a minha perna ter sido amputada, ainda a sinto. Agora venho aqui duas vezes por semana, todos os sábados e terças-feiras, para fazer massagem terapêutica. Hoje, temos uma consulta em que vão me explicar os aparelhos de próteses e as técnicas de massagem natural. Eles também estão me ensinando como fazer exercícios sozinho."

Eliminando a vida palestina do Norte

No início de outubro de 2024, as forças israelenses lançaram uma nova ofensiva devastadora na área que compreende os distritos de Beit Lahia, Beit Hanoun e o acampamento de Jabalia, na província do Norte de Gaza. O ataque está acontecendo há um mês: a área é incessantemente alvo de bombardeios maciços e sujeita a um cerco sufocante que priva as pessoas de comida, água e ajuda humanitária, fazendo com que a população lute pela sobrevivência. As três principais instalações de saúde – os hospitais Indonésio, Kamal Adwan e Al-Awda – foram colocadas sob ordens de evacuação, embora as centenas de pacientes internados não tenham para onde ir.

Uma nova onda de ordens de deslocamento instruiu as pessoas a se deslocarem para o Sul, em direção a Al-Mawasi, mas muitas foram impedidas de fazê-lo pelos combates em curso. As pessoas foram, assim, coagidas a escolhas impossíveis: ficar e morrer sob as bombas ou morrer de fome; ir e correr o risco de serem deslocadas à força novamente; ou talvez serem mortas enquanto tentavam fugir. Aqueles que escolheram partir foram supostamente revistados pelas forças israelenses e, em alguns casos, detidos arbitrariamente (incluindo um cirurgião de MSF que foi levado pelas forças israelenses em 26 de outubro e ainda está detido e incomunicável, até o momento que este relatório foi escrito). A vida palestina está sendo efetivamente eliminada de toda a região.

> **As autoridades israelenses devem fornecer garantias sólidas e eficazes para proteger os civis. Muitas pessoas não têm mais nada – não há vestígios de suas comunidades como eram antes da guerra – ainda assim, elas querem ficar ou retornar ao lugar de onde viveram. Elas devem ser autorizadas a fazer isso com garantias reais de segurança.**

B. Acesso à assistência humanitária negado

Durante toda a guerra, a política de Israel tem sido reduzir severamente a quantidade de comida, água, suprimentos médicos e itens de assistência humanitária que entravam na Faixa de Gaza a um mínimo, de forma que parece ser uma maneira de punir coletivamente a população.

Restrições significativas sobre a ajuda que Gaza pode receber não são recentes: essa pequena faixa de terra já estava sob um bloqueio israelense há mais de 16 anos anos quando a guerra começou. A ONU estimou que a população já dependia em 80% do abastecimento e de ajuda humanitária externos antes da guerra.[43]

42 Inquérito interno de MSF realizado entre o final de junho e o final de julho. Foram entrevistados 217 profissionais de MSF.

Contudo, desde 7 de outubro de 2023, o bloqueio se transformou em um cerco. Israel proibiu a importação ou o trânsito de mercadorias para Gaza através de seu território praticamente da noite para o dia, bloqueando quase todas as rotas de abastecimento.

Rotas alternativas foram exploradas por diversas organizações de ajuda humanitária, incluindo MSF, devido às grandes barreiras enfrentadas e, apesar da gestão custosa e demorada, inicialmente através do Egito. No entanto, isso trouxe limitações significativas: como todas as entradas para o norte e o sul de Gaza foram bloqueadas pelas forças israelenses, os suprimentos entrando por Rafah (na fronteira com o Egito) não conseguiam alcançar as pessoas presas no Norte. Qualquer movimento ainda exigia a aprovação das autoridades israelenses, e fechamentos temporários e imprevisíveis da fronteira eram frequentes, o que resultou em enormes gargalos, com mais de 1.400 caminhões aguardando. Esse sistema altamente restritivo foi ainda mais agravado pela ofensiva israelense em Rafah no início de maio de 2024, durante a qual as forças israelenses tomaram e fecharam a passagem de Rafah, cortando efetivamente as entregas de suprimentos essenciais e vitais para Gaza. O posto de fronteira de Kerem Shalom começou a ser utilizado como uma rota alternativa para os carregamentos provenientes do Egito no final de maio de 2024. No entanto, também enfrentou restrições e desafios semelhantes, especialmente quando a área foi atingida pelos combates.

Em fevereiro de 2024, MSF começou a usar o corredor jordaniano como uma opção adicional. No entanto, essa rota também enfrentou restrições significativas, incluindo longos períodos de liberação aduaneira para os suprimentos médicos — até quatro meses sob a legislação de importação de Israel — e transferências obrigatórias de carga entre caminhões jordanianos e israelenses, já que caminhões jordanianos não são autorizados a atravessar a fronteira e entrar em Israel.

Após o fechamento da fronteira Israel-Egito em maio de 2024, uma rota alternativa através de Israel ficou disponível no final daquele mês. Essa opção permitiu a importação ou o trânsito de mercadorias através do território israelense, mas veio com limitações significativas: processos aduaneiros morosos, requisitos complexos e demorados de documentação para cada item, e nenhum armazenamento permitido para a carga internacional em trânsito.

Todas estas opções alternativas não resolvem três limitações principais:

- Israel impõe restrições rigorosas sobre os chamados "itens de utilização dupla" — mercadorias supostamente utilizáveis tanto para fins civis quanto militares. Estes variam de geradores, bisturis e tesouras a autoclaves (usados para esterilizar equipamentos médicos) e concentradores de oxigênio. Isso atrasa severamente a entrega de suprimentos médicos essenciais e críticos para as operações, além das imposições de graves restrições, como limitar os geradores a 20 KVA. A situação é ainda mais complicada pela lista imprevisível e em constante alteração dos "itens de utilização dupla" por parte de Israel.

  As organizações humanitárias devem atender minuciosamente as formalidades para cada item, mesmo que já tenha sido aprovado anteriormente. Para cada pedido, elas devem solicitar autorização específica às autoridades israelenses, fornecendo uma foto, ficha técnica, uso pretendido e a localização GPS onde o item será utilizado. Mesmo com autorização, os itens ainda podem ser bloqueados. Por exemplo, cinco autoclaves permaneciam retidos no Egito no momento em que este artigo foi escrito. Além disso, a negativa a um único item na travessia de Kerem Shalom pode resultar na rejeição de todo o carregamento.

  MSF foi impedida de aumentar a oferta de serviços de água e saneamento e ainda não recebeu autorização das autoridades israelenses para importar materiais para unidades de dessalinização e geradores. MSF teve que esperar cinco meses para obter a aprovação de itens essenciais, como geladeiras e freezers, para armazenar suprimentos médicos indispensáveis.

- O contrabando de tabaco e de outros produtos ilícitos em caminhões que entram em Gaza leva a buscas frequentes, danificando os carregamentos e causando atrasos significativos. Se as estruturas de madeira usadas para acomodar os produtos estiverem muito danificadas ao chegar em Kerem Shalom, os caminhões podem ser rejeitados. Consequentemente, são enviados novamente para Al-Arish (Egito), por exemplo, onde todo o processo precisa ser reiniciado. Uma das cargas de MSF foi rejeitada oito vezes por esse motivo antes de chegar a Gaza, já em más condições.

- A obrigatoriedade imposta pelas autoridades israelenses de usar apenas caminhões

43 Relatório da ONU: 80% dos habitantes de Gaza dependiam de ajuda internacional antes da guerra | The Guardian - Outubro de 2023 – Disponível aqui

plataforma abertos leva a danos significativos, devido à exposição dos suprimentos ao calor durante longos períodos de espera, e restringe severamente a possibilidade de enviar itens que necessitam de cadeia de frio.

Uma vez que as mercadorias finalmente entram em Gaza após esses processos longuíssimos, ainda estão longe de chegar aos que desesperadamente precisam delas. Na verdade, o bombardeio intenso de Gaza por mais de um ano causou a ruptura da lei e da ordem na Faixa de Gaza. Como resultado, mesmo quando os caminhões conseguem entrar, agora são sistematicamente saqueados por gangues. O uso exclusivo da estrada Salah al-Din (a única rota aprovada pelas autoridades israelenses, além do acesso mínimo à estrada com cerca) está facilitando os saques. A crescente concentração da população em áreas delimitadas também complica o transporte de mercadorias, especialmente em Khan Younis e Rafah, onde os caminhões podem levar até quatro horas para percorrer um quilômetro. Em outubro e novembro de 2024, os desafios com os abastecimentos pioraram ainda mais, com uma queda acentuada no número de caminhões autorizados a entrar em Gaza, especialmente no Norte, onde um cerco total foi imposto pelas autoridades israelenses em 2 de outubro, durando mais de duas semanas. Em 16 de novembro de 2024, um comboio da ONU composto por 109 caminhões de suprimentos alimentares foi violentamente saqueado, com 97 caminhões perdidos e motoristas obrigados, sob a mira de uma arma, a descarregar os suprimentos[44]. É urgente criar rotas humanitárias, seguras e desimpedidas dentro de Gaza, que possam garantir que a ajuda seja entregue onde é necessária.

Durante o primeiro ano de guerra, MSF conseguiu entregar aproximadamente 750 toneladas de suprimentos, ou quase 4 mil metros cúbicos. Esses carregamentos incluíam dois hospitais de campanha totalmente equipados. Isso continua sendo lamentavelmente insuficiente, em comparação com a vasta escala das necessidades. Devido à falta de suprimentos, as equipes de MSF foram forçadas a ajustar os protocolos médicos, como trocar os curativos com menos frequência, deixando os pacientes mais vulneráveis a infecções. Elas também não conseguiram prestar um tratamento adequado para controle da dor devido à insuficiência de analgésicos.

De maneira geral, MSF foi obrigada a se autolimitar severamente na implantação de suas operações devido a grandes restrições, bloqueios e atrasos que impedem a população de Gaza de acessar serviços de saúde, água e saneamento.

44 Atualização da Situação Humanitária #239 | Faixa de Gaza | OCHA - 19 de novembro de 2024 – Disponível aqui

Como força de ocupação, as autoridades israelenses são responsáveis por assegurar a entrega rápida, segura e sem obstrução de ajuda humanitária, em nível suficiente para atender às necessidades da população. As autoridades israelenses devem pôr fim ao cerco a Gaza e abrir as fronteiras terrestres vitais, incluindo a passagem de Rafah, como questão de extrema urgência, para ampliar massivamente a ajuda humanitária e médica. MSF também faz um apelo a todas as partes para garantir rotas seguras para transportar a assistência humanitária dentro da Faixa de Gaza, a fim de assegurar que a ajuda chegue a quem precisa.

C. Luta pela sobrevivência e privação de dignidade

As ordens de deslocamento e o bloqueio da assistência humanitária criaram condições de vida insuportáveis para as pessoas em Gaza. Israel transformou o enclave em um deserto de escombros insalubre. A superlotação em algumas áreas atingiu uma densidade de 30 mil a 34 mil indivíduos por quilômetro quadrado, e isso é agravado pela escassez de recursos essenciais.[45] Além de serem contrárias a qualquer noção de dignidade humana, tais condições favorecem a propagação desenfreada de doenças.

Lisa Macheiner, coordenadora de projeto de MSF em Gaza – 27 de fevereiro

"A ausência gritante de espaço humanitário e a falta de suprimentos que estamos testemunhando em Gaza são verdadeiramente horríveis. Se as pessoas não são mortas por bombas, sofrerão com a privação de comida e água e morrerão por falta de atendimento médico."

1. Privados de água, imersos em lixo

Em um relatório publicado em julho de 2024 sobre a militarização da água[46], a Oxfam afirmou que, desde o início da ofensiva israelense, as pessoas em Gaza têm apenas 4,74 litros por pessoa por dia para todos os usos, incluindo beber, cozinhar e lavar-se. Isso representa uma redução de 94% em relação ao que tinham antes e menos de um terço do padrão mínimo

45 Atualização da Situação Humanitária #211 | Faixa de Gaza | OCHA - 30 de agosto de 2024 – Disponível aqui

internacionalmente aceito para a sobrevivência básica em emergências, equivalente a 15 litros por pessoa por dia. A qualidade do pouco abastecimento de água disponível é tão preocupante quanto a quantidade. Isso é resultado tanto da destruição quase total da infraestrutura de água e saneamento de Gaza quanto do controle das forças israelenses sobre tudo o que entra em Gaza, incluindo a água. Durante o primeiro ano da guerra, MSF distribuiu água potável limpa para 25 mil pessoas por dia e 624 mil litros de água dessalinizada na Faixa de Gaza.

A escassez fez com que o preço dos poucos itens básicos de higiene disponíveis também disparasse. De acordo com o Escritório Central de Estatísticas Palestino, até julho de 2024, o preço do xampu aumentou 490% em toda a Faixa de Gaza, chegando a 10 dólares (cerca de 60 reais) por uma embalagem de 75g, em comparação com julho de 2023.

Um relatório divulgado em julho de 2024 pela PAX[47], organização holandesa pela paz, destacou os crescentes riscos à saúde pública decorrentes da exposição ao lixo sólido em Gaza, devido ao colapso do sistema de gestão de resíduos e ao bloqueio do acesso aos aterros designados pelas forças israelenses. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) anunciou o colapso total da gestão de resíduos na Faixa de Gaza.[48] O efeito combinado da falta de água potável, dos serviços precários de saneamento, do custo e da escassez de itens de higiene e do colapso da gestão de resíduos aumenta significativamente os riscos à saúde, especialmente com a chegada do inverno.[49]

Paciente, mulher, 31 anos - 17 de setembro de 2024

"Para água não potável, usamos água do mar para tudo — lavar roupa, lavar pratos, tomar banho e outras coisas. É extremamente salgada, mas que outra opção temos? A água potável também é um problema. A água não é boa. A água não é tratada adequadamente e não é segura para beber.

A tenda em que estou abrigada não está preparada para a chuva. Temos cobertores para as laterais da tenda e uma capa plástica por cima. O que vamos fazer quando precisarmos dos cobertores para nos manter aquecidos quando ficar realmente frio?"

Paciente, mulher, 36 anos - 16 de setembro de 2024

"Vivemos em tendas e, com a chegada do inverno, as condições estão piorando. Nossas tendas estão amontoadas. Conseguir água não potável é humilhante, e ainda somos cobrados por isso. Para consegui-la de graça, precisamos ficar sob o sol por três horas. A água potável é melhor [gerida], uma organização nos dá cartões para encher água a cada dois dias, mas ela não é bem tratada, tem sabor ruim. Não temos caixas d'água, então precisamos encher pequenos barris todos os dias. Nos dias em que não há recarga gratuita, precisamos comprá-la. Não há um único local onde possamos pegar tanto água potável quanto não potável."

Paciente, homem, 45 anos - 24 de setembro de 2024

"Como paciente que ainda está se recuperando, e como muitos outros, precisamos de materiais de higiene, que muitas vezes não estão disponíveis para compra e, quando estão, são inacessíveis. Produtos de limpeza são tão cruciais quanto o tratamento médico. Um paciente é submetido a uma cirurgia e tem alta, mas depois retorna com uma infecção no local da cirurgia porque até a tenda em que é colocado não é adequada para que um ser humano a habite. As pessoas pararam de tomar banho porque não há xampu."

2. Disseminação de doenças pelas péssimas condições de vida e pelo colapso da saúde primária

Além de criar uma onda de lesões traumáticas, a guerra está expondo a população de Gaza a um risco significativamente maior de doenças, ao deslocar 90% da população e ao amontoar centenas de milhares em 47 quilômetros quadrados, sem acesso a saneamento adequado e água potável. A disseminação de doenças é acentuada pelo colapso dos serviços de saúde primários, causado pelo bloqueio de suprimentos e pela falta de profissionais médicos.

As condições precárias de higiene e a influência de poluentes (falta de água limpa, sabão, exposição ao sol, poeira etc.) estão desencadeando doenças de pele (sarna, piolhos, erupções cutâneas e infecções bacterianas – superinfecções que geralmente surgem em decorrência de outra doença de pele). Pacientes com esse tipo de doença representam quase um quarto das morbidades encontradas nos últimos meses pelas equipes de MSF que trabalham em unidades de saúde primária em Gaza. A má qualidade do ar, devido à poeira, escombros e poluentes, está contribuindo para um alto número de infecções do trato respiratório superior (representando 18% dos pacientes). É provável que condições preexistentes, como asma, sejam agravadas pelos poluentes e, portanto, possam causar

46 Crimes de Guerra da Água: Como Israel transformou a água em arma em sua campanha militar em Gaza | Documento Informativo da Oxfam – Julho de 2024 – Disponível aqui
47 Guerra e Lixo em Gaza | PAX pela paz, julho de 2024– Disponível aqui
48 Resposta de emergência do PNUD/PAPP à gestão de resíduos sólidos | Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – Disponível aqui
49 Atualização da Situação Humanitária #214 | Faixa de Gaza | OCHA – 6 de setembro de 2024 – Disponível aqui

infecções adicionais. A superlotação em acampamentos improvisados acelera tanto a propagação de doenças infecciosas de pele quanto a circulação de vírus que causam infecções. Os problemas de água e saneamento, incluindo a falta de latrinas e o acesso limitado a água limpa e sabão, estão espalhando diarreia entre a população deslocada, o que requer monitoramento, pois representa um risco real de surtos mais graves de doenças. Até a poliomielite reapareceu, 25 anos após os últimos casos terem sido detectados em Gaza. As equipes de MSF forneceram apoio logístico para uma campanha de vacinação, realizada em conjunto pelo Ministério da Saúde local e pelas Nações Unidas em cinco unidades de saúde em Deir al-Balah, no centro de Gaza, e em Khan Younis, no sul de Gaza.

Shereen, morador de Gaza que encontrou refúgio em uma escola em Rafah – 30 de abril de 2024

"Somos cerca de trinta pessoas vivendo em uma sala de aula. Não há privacidade. Cada família tem alguns metros quadrados, e o espaço é dividido com cortinas improvisadas. Não temos acesso a água potável e a comida é escassa. É muito difícil tomar banho e está frio. Quando chegamos aqui, dormimos no chão por três meses antes de recebermos cobertores, doados por organizações humanitárias. As crianças ficam doentes o tempo todo. Elas têm diarreia, resfriados, gripe ou outras doenças."

Paciente, mulher, 25 anos - 16 de setembro de 2024

"Minha filha tem nódulos nas mãos. Ela está com tosse e chora à noite, e a tosse piora com o frio, o que a faz entrar em pânico porque a tosse é muito intensa. Desde que nasceu, ela tem problemas no coração e também tem o palato aberto, então precisa de duas cirurgias. Ela também tem problemas de pele causados pela maresia à qual estamos expostos e pelos insetos ao nosso redor. Ela recebe tratamento, mas a condição sempre retorna. Ela está com febre e desidratação, e não consegue dormir à noite. Ela não para de gritar, e chegou a um ponto em que parece que ela vai perder a voz de tanto gritar. Há duas noites, tivemos que chamar uma ambulância."

Paciente, mulher, 46 anos - 17 de setembro 2024

"Cheguei aqui com meu filho e minha filha. Ela tem furúnculos no couro cabeludo, e ele tem algum tipo de doença de pele na perna. Meu cabelo costumava ser muito grosso. Não sei por que ele está tão fino agora. Os pontos de calvície na minha cabeça já são visíveis. Também estamos com piolhos, vermes intestinais devido à água contaminada, e nossas fezes ficaram mais escuras por causa do sol. Precisamos de tratamento para a pigmentação que está acontecendo em nossos rostos por ficarmos nas tendas, sob o sol e ao ar livre. O rostinho da minha filha mudou de cor."

3. Privação de alimentos e aumento dos preços levam à desnutrição

A presença da desnutrição na Faixa de Gaza antes de outubro de 2023 era muito limitada, com apenas alguns casos de desnutrição crônica e deficiência de micronutrientes. Meses após o início da guerra, as equipes de MSF começaram a observar um aumento constante nos casos de desnutrição[50]. Vale ressaltar que MSF está realizando triagem apenas nos pacientes que chegam às unidades de saúde que apoia, o que representa uma pequena parte da população total. MSF teve acesso muito limitado ao norte de Gaza, onde a situação deve ser ainda mais grave.

Com os preços dos alimentos disparando, forçando a população a adotar mecanismos de sobrevivência, como a redução do número de refeições por dia, a situação corre o risco de piorar.

Devido à insegurança generalizada e à falta de medidas adequadas para resolução do conflito, é impossível realizar uma triagem completa de desnutrição em Gaza. A equipe médica não pode sair das unidades de saúde para realizar levantamentos, então nossos dados refletem apenas o que observamos nos pacientes que conseguem chegar às instalações onde trabalhamos, mas isso representa apenas uma ínfima parcela da população.

Amber Alayyan, coordenador de programa médico na Palestina – 19 de março de 2024

"Para verificar se há desnutrição em toda a Faixa de Gaza, é necessário ter acesso à população para realizar levantamentos. O que conseguimos fazer foi extrapolar [o número de casos de desnutrição] a partir dos poucos pacientes que atendemos em nossas clínicas. Não podemos acessar um grande número de crianças, gestantes e lactantes [no Norte], que são as mais vulneráveis, e sabemos que elas não têm comida, ou a que têm é exorbitantemente cara.

Dois grupos são particularmente vulneráveis: um são as mulheres grávidas e lactantes. Aquelas que já enfrentavam anemia por deficiência de ferro antes da guerra estão em risco de hemorragia

50 De fevereiro de 2024 (semana 8) a setembro de 2024 (semana 39), entre as crianças examinadas nas unidades de saúde apoiadas por MSF, a porcentagem de crianças com desnutrição aguda moderada e severa aumentou de 3,9% para 10,7% e de 1,1% para 3,3%, respectivamente.

durante o parto. Com a guerra, elas estão em um estado de subnutrição ou potencial desnutrição, o que impede a amamentação adequada. O leite pode não descer ou, se descer, pode não ser suficiente. O outro grupo [vulnerável] são as crianças menores de 2 anos, que estão na faixa etária do aleitamento.

As mulheres espremem tâmaras em lenços ou toalhinhas e alimentam seus filhos com algum tipo de substância açucarada para nutri-los. A consequência disso a longo prazo é a falta de vínculo entre a mãe e o filho. Isso significa que há atrasos físicos e psicológicos no desenvolvimento dessas crianças, e no futuro — para aquelas que crescerem — isso as coloca em maior risco de desenvolver hipertensão arterial, diabetes e outras complicações."

Em agosto de 2024, mais de um milhão de pessoas ficaram sem qualquer assistência alimentar no sul e centro de Gaza. No norte de Gaza, a distribuição de comida foi suspensa em julho e agosto devido às ordens de evacuação na região.[51]

A quantidade de ajuda alimentar humanitária que entrou no sul de Gaza em julho de 2024 foi uma das mais baixas desde outubro de 2023, quando um cerco total foi imposto[52].

Segundo um comunicado conjunto de um grupo de organizações não governamentais em 16 de setembro de 2024, *"o cerco de Israel agora bloqueia 83% da ajuda alimentar que chega a Gaza"*[53]. Uma avaliação realizada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) no mesmo mês revelou que apenas 1% das crianças no norte de Gaza, e 6% no Sul, receberam a diversidade alimentar recomendada. Alimentos essenciais, como carne, frutas e vegetais, laticínios e ovos, estão entre os itens quase inacessíveis na região[54]. Uma pesquisa de MSF entre seus profissionais também demonstrou que 90% declararam ter reduzido o número de refeições por dia.

Paciente, homem, 57 anos - 24 de setembro de 2024

"Minha esposa sai todos os dias em busca de comida para nossos netos. O custo dos alimentos lá não é apenas caro, é totalmente fora de alcance. Um quilo de tomates é tão caro que ninguém consegue comprar. No norte de Gaza, as pessoas sobrevivem comendo capim e ervas selvagens, como khubeiza (malva)."

Paciente, mulher, 55 anos - 29 de setembro 2024

"Quando compramos frutas, conseguimos comprar só um pedaço de cada vez. Às sextas-feiras, cozinhamos para todos na tenda, então compramos dois frangos e dividimos o custo. Quanto à farinha, graças a Deus, conseguimos de graça pela UNRWA. Para o resto da nossa comida, dependemos de alimentos enlatados — lentilhas, grão-de-bico, feijão."

As autoridades israelenses devem pôr um fim imediato ao cerco a Gaza, permitir a entrada e entrega de quantidades adequadas de alimentos, água, suprimentos médicos e qualquer outro item essencial que esteja desesperadamente em falta na Faixa. Devem também fornecer rotas seguras e livres de conflitos para que esses suprimentos cheguem efetivamente a quem precisa, incluindo hospitais e outras unidades de saúde, onde quer que estejam em Gaza, como uma questão de extrema urgência.

4. Gerações futuras já traumatizadas

O impacto psicológico e psiquiátrico da campanha de morte e destruição de Israel não pode ser subestimado. Como ainda estamos na fase mais aguda da ofensiva, o impacto é incalculável, mas é certo que gerações inteiras serão afetadas por isso, incluindo as mais jovens, que ainda nem conseguem compreender o que está acontecendo.

As necessidades de saúde mental já eram significativas antes de outubro de 2023, pois décadas de ocupação e guerras recorrentes, 16 anos de bloqueio e os recursos limitados que uma economia devastada permitia para sobreviver contribuíram para o alto número de casos de depressão (70% da população de Gaza foi diagnosticada com depressão em uma pesquisa de 2022[55]), transtornos de estresse pós-traumático e outros problemas de saúde mental e psicológicos[56].

Desde outubro de 2023, todos os habitantes de Gaza enfrentam um número sem precedentes de eventos traumáticos, incluindo violência direta, deslocamentos repetidos, condições de vida insuportáveis, a perda de familiares e do lar, levando a um aumento significativo de depressão, ansiedade e trauma. Tanto os adultos quanto as crianças expressam o desejo de morrer em vez de continuar vivendo sob o peso desumano do deslocamento, da

51 Atualização da Situação Humanitária #214 | Faixa de Gaza | OCHA – 6 de setembro de 2024 – disponível aqui
52 Atualização da Situação Humanitária #208 | Faixa de Gaza | OCHA –23 de agosto de 2024 – Disponível aqui
53 O cerco de Israel agora bloqueia 83% da ajuda alimentar que chega a Gaza, revelam novos dados | NRC – Comunicado conjunto de imprensa– 16 de setembro de 2024 – Disponível aqui
54 Atualização da Situação Humanitária #208 | Faixa de Gaza | OCHA – 23 de agosto de 2024 – Disponível aqui

violência e das privações. Segundo a UNICEF, quase todas as 1,2 milhão de crianças em Gaza necessitam de apoio à saúde mental e psicossocial[57] . A depressão tem sido observada em crianças bem jovens, com 5 anos de idade, junto com ansiedade, comportamentos regressivos e pensamentos suicidas. Pessoas com condições preexistentes perderam o acesso ao cuidado e/ou tratamento contínuos, devido à drástica redução dos serviços disponíveis. Desde outubro de 2023, as equipes de MSF realizaram 18.300 sessões individuais de saúde mental, e 85.675 pessoas participaram de sessões em grupo.

Entre abril e agosto de 2024, 59% dos pacientes atendidos por uma das equipes de MSF em Gaza eram menores de idade, cujos sintomas estavam relacionados ao trauma e à ansiedade, respectivamente em 20% e 19% dos casos. Os sintomas dos adultos também indicavam, em sua maioria, as mesmas origens. Os eventos causadores de tamanho estresse estavam, em grande parte, relacionados a questões de saúde, incluindo lesões (muitos pacientes receberam apoio de saúde mental durante a hospitalização) e às condições de vida. Não surpreende que o nível generalizado da extrema violência da guerra seja um estressor importante, que também gera tensões no seio das famílias e das comunidades.

Abbas, refugiado palestino na Cisjordânia, cuja família está em Gaza – 29 de dezembro de 2023

"Meu filho de 5 anos me perguntou outro dia: 'Pai, por que você está me deixando morrer de fome? Os outros pais das crianças morreram com elas, então não nos deixe morrer sozinhos.' Eu não sei o que responder a ele. Tento encontrar palavras reconfortantes, mas ele diz: 'Não minta para mim, pai. Venha agora, para que possamos morrer juntos.' Devido aos constantes bombardeios, tornou-se uma necessidade em Gaza manter-se identificável, para o caso de morte, escrevendo o nome no próprio corpo – na mão, no braço, na perna ou no pescoço. Minha esposa e três dos meus filhos fizeram isso. Mas ela não conseguiu escrever no nosso filho mais novo. Foi extremamente doloroso."

Mulher, 26 anos - 29 de setembro de 2024

"Meu pai sofreu um trauma psicológico devido ao que está acontecendo; ele tem alucinações — alucinações anormais, a ponto de não me reconhecer mais como sua filha."

Os profissionais de saúde enfrentam os desafios adicionais e exaustivos de prestar assistência a milhares de pessoas enquanto tentam sobreviver e lidar com o impacto pessoal que a guerra causou em cada um deles. Alguns relatam que estão vivendo em constante medo, estresse e ansiedade, mas continuam a tratar os pacientes. Eles falaram sobre o tormento das repetidas chegadas de grandes números de pessoas com membros esmagados e queimaduras causadas por explosões, tendo que realizar amputações sem anestesia suficiente. Continuaram seu trabalho, apesar da escassez paralisante de suprimentos médicos, tiveram que fugir dos hospitais sob ataque ou evacuação forçada e enfrentaram a decisão inimaginável de deixar pacientes para trás para salvar suas próprias vidas.

A equipe de saúde mental de MSF em Gaza observou, também em profissionais médicos, sintomas relacionados à exposição ao estresse psicológico contínuo e à exaustão. Eles sofrem de ansiedade, insônia, depressão, pensamentos intrusivos, evitação emocional e pesadelos, todos os quais podem aumentar o risco de problemas de saúde mental.

Suliman, profissional de MSF

"Há um barulho constante dos drones, que nunca cessa. Às vezes é muito difícil dormir, eu tenho essa obrigação moral de ajudar as pessoas ao meu redor e tenho essa outra obrigação de salvar meus filhos. Estamos vivos, mas não estamos bem. Estamos cansados. Todo mundo aqui está devastado."

Um elemento essencial e básico necessário para o apoio psicológico e tratamento é a segurança. Sem segurança, é impossível construir resiliência e mecanismos de enfrentamento. A falta de abrigo seguro ou de um espaço protegido em Gaza cria um medo constante de mais violência e deslocamento.

55 Saúde Mental na Cisjordânia e Gaza – | Banco Mundial – Novembro de 2022 – Disponível aqui
56 Palestina: impacto do conflito na saúde mental e nas necessidades de apoio psicossocial em Gaza | ACAPS - Setembro de 2024 – Disponível aqui
57 Ação Humanitária para Crianças 2024 - Estado da Palestina (Revisão 3) | ReliefWeb - Junho de 2024– Disponível aqui

Amparo Villasmil, psicóloga de MSF

"Quando dizemos que hoje não há qualquer lugar seguro em Gaza, não estamos falando apenas sobre os bombardeios", diz. "Não há nem mesmo um lugar seguro nas mentes das pessoas. Elas vivem em um estado de alerta constante. Não conseguem dormir, pensam que a qualquer momento vão morrer; que, se adormecerem, não vão conseguir reagir rapidamente, fugir ou proteger a sua família."

Davide Musardo, psicólogo de MSF em Gaza – 20 de junho de 2024

"Em algumas sessões, tivemos que gritar para sermos ouvidos, para superar o som dos drones e das bombas. E quando não havia combates lá fora, o som de fundo era o choro das crianças no hospital. Crianças mutiladas, com queimaduras ou sem seus pais. Crianças com ataques de pânico, porque a dor física desencadeia feridas psicológicas quando a dor nos lembra a bomba que mudou a nossa vida para sempre. Crianças mais calmas desenham drones e jatos militares. A guerra está por toda a parte no hospital; o cheiro a sangue é insuportável. Esta é a imagem de Gaza gravada na minha memória.

Nunca experimentei nada como o que vi em Gaza. Há algumas características comuns a todos os pacientes que atendi lá. Pele escura, quase queimada, porque ficam expostos ao sol o dia todo. Perda de peso devido à escassez de comida. O cabelo deles está branco pelo estresse desses meses de guerra. E todos têm expressões vazias que mostram perda, tristeza e depressão. Eles perderam tudo."

"'Eu sinto falta das pequenas coisas. Das fotos da minha mãe, que morreu há anos, da xícara com a qual costumava tomar café. Sinto falta mais da minha rotina do que da minha casa que foi destruída', me disse um paciente. 'Não bebo um copo de água fresca há meses. Que tipo de vida é essa?', perguntou outro paciente."

"Aqui na Itália [meu país], apagamos fotos borradas ou inúteis de nossos telefones. Em Gaza, as pessoas apagam fotos de familiares que morreram durante os bombardeios, pensando que não os ver mais aliviará seu sofrimento.

Vi pessoas desmoronarem ao receber a notícia de outra ordem de evacuação. Algumas pessoas mudaram de lugar até 12 vezes em oito meses. 'Não vou mais mover minha tenda, melhor morrer', ouvi algumas pessoas dizerem.

Em Gaza, a pessoa sobrevive, mas a exposição ao trauma é constante. Falta tudo, até mesmo a esperança de um futuro. Para as pessoas, a maior angústia não é o hoje – as bombas, os combates e o luto – mas as consequências. Há pouca confiança em relação à paz e à reconstrução, e as crianças que vi no hospital mostravam sinais evidentes de regressão.

Embora eu tenha deixado Gaza, é como se ainda estivesse lá. Eu ainda consigo ouvir os gritos das crianças queimadas. Precisamos de um cessar-fogo imediato e duradouro; sem ele, curar as profundas feridas psicológicas será impossível."

5. Falta de cuidados para gestantes e crianças

Com o sistema de saúde de Gaza praticamente destruído pelos constantes ataques aéreos e bombardeios israelenses, o acesso limitado ou tardio aos cuidados médicos multiplica os riscos à saúde para grupos vulneráveis, como mulheres grávidas e recém-nascidos. Esses riscos são intensificados pelo deslocamento repetido, abrigo inadequado, falta de água potável, higiene básica e insegurança alimentar. As equipes da MSF testemunharam um aumento significativo em complicações, como partos prematuros, que se tornaram mais frequentes devido aos efeitos combinados do estresse, estado nutricional precário e falta de suporte médico adequado e oportuno.

Mercè Rocaspana, consultora de saúde da unidade de emergência de MSF

"Os principais riscos à saúde para mulheres grávidas são complicações relacionadas à pressão arterial, como eclâmpsia, hemorragia e sépsis– que podem se tornar fatais se não forem tratadas a tempo."

No hospital Nasser, um dos poucos hospitais restantes, a equipe de MSF está sobrecarregada. Entre 29 de junho e 5 de julho, o departamento de emergência pediátrica registrou mais de 2.600 consultas – mais de 300 crianças por dia. À medida que o número de crianças que necessitam de cuidados hospitalares continua a aumentar, elas estão sendo forçadas a compartilhar camas, pressionando os serviços pediátricos além de sua capacidade.

A destruição generalizada da infraestrutura também tornou extremamente difícil o acesso das mulheres grávidas aos cuidados médicos. Muitas são forçadas a viajar por rotas perigosas, atravessando uma zona de guerra ativa sem transporte seguro. Esses atrasos aumentam grandemente o risco de complicações. Após o parto, muitas mulheres são liberadas de hospitais superlotados e com poucos recursos muito

antes do recomendado, frequentemente poucas horas após o nascimento. Elas são enviadas de volta para condições de vida que estão longe de ser adequadas para a recuperação: abrigos insalubres e superlotados ou tendas improvisadas, onde o acesso a água potável, alimentação adequada e higiene básica é severamente limitado.

Esse ambiente hostil, somado ao estresse constante e à falta de acompanhamento médico, coloca mães e recém-nascidos em risco significativo. O período pós-parto imediato, essencial para a monitorização de possíveis complicações, torna-se especialmente perigoso, uma vez que as mulheres são deixadas à própria sorte para cuidar de si mesmas e de seus bebês em condições que agravam ainda mais sua vulnerabilidade.

Rita Botelho da Costa, coordenadora de cuidados de maternidade de MSF - 29 de janeiro de 2024

"O sistema de saúde está sobrecarregado, e as mães são forçadas a deixar o hospital apenas poucas horas após o parto. As primeiras 24 horas após o nascimento são as mais arriscadas em termos de complicações, e, considerando que essas mulheres estão vivendo em condições desumanas, seria crucial mantê-las no hospital pelo maior tempo possível."

III. DESTRUINDO O FUTURO DE GAZA

Mesmo que o ataque brutal de Israel terminasse hoje, o impacto a longo prazo de tal carnificina e destruição desafiaria qualquer tentativa de descrevê-lo. Seja pensando na reconstrução física da infraestrutura, no tratamento de uma imensa população de feridos de guerra, na restauração do cuidado para doenças crônicas ou no enfrentamento do sofrimento mental que muitas gerações terão de atravessar, o desafio parece sem precedentes, especialmente no contexto dessa pequena terra, sob bloqueio e densamente povoada.

A reconstrução de Gaza será uma tarefa monumental diante dessa escala de destruição sem precedentes. Segundo a ONU, cerca de 66% do total das estruturas na Faixa de Gaza está danificado[58], e há ainda 42 milhões de toneladas de escombros[59] que necessitam de remoção e munições não detonadas que precisam ser localizadas e desarmadas. Estima-se que levará até 15 anos para limpar os destroços e 80 anos para reconstruir as moradias.

Um estudo global de 2004 constatou que, durante as guerras civis, as crianças podem perder muitos anos de vida saudável, especialmente as com menos de 5 anos de idade. Essas perdas, medidas em anos de vida vividos com boa saúde, podem chegar a até 15 anos por criança, devido a mortes precoces e deficiências a longo prazo causadas por violência, doenças e desnutrição. Em zonas de guerra como Gaza, esses efeitos indiretos reduzem significativamente o potencial das crianças para um futuro saudável. Em Gaza, a violência contínua, a falta de acesso a cuidados médicos e a interrupção da educação resultarão em danos a longo prazo no desenvolvimento físico e mental das crianças, agravando seu sofrimento e provocando a perda de anos de vida saudável.

Um sofrimento em aumento contínuo

A guerra de Israel contra Gaza já matou mais de 44 mil palestinos e feriu mais de 105 mil, mas o impacto

58 Avaliação abrangente dos danos na Faixa de Gaza | UNOSAT - setembro de 2024 – Disponível aqui

59 Danos em Gaza causam novos riscos à saúde humana e à recuperação a longo prazo | Avaliação do PNUMA – 18 de junho de 2024 – Disponível aqui

60 Todos estão com fome em Gaza, alertam agências humanitárias da ONU | Notícias da ONU - 2024 – Disponível aqui

continuará a pesar sobre a população por muito tempo após o fim da fase aguda do conflito. Dezenas de milhares de sobreviventes ficarão permanentemente marcados, tanto física quanto mentalmente. As feridas de guerra frequentemente exigem múltiplas cirurgias, reabilitação extensa e cuidados a longo prazo — serviços que estão amplamente ausentes em Gaza devido à destruição da infraestrutura de saúde e à escassez extrema de suprimentos médicos. Tais cuidados continuarão inacessíveis por um longo período, dada a quantidade de tempo necessária para restaurar esses serviços essenciais.

Com base na experiência de MSF no tratamento de pacientes feridos em guerras em toda a região, a escala da necessidade em Gaza é avassaladora. Normalmente, até 4% das pessoas feridas em conflitos necessitam de cirurgias reconstrutivas. Com quase 100 mil pessoas feridas desde o início da escalada, em outubro de 2023, se estima que até 4 mil precisem de cirurgias complexas e reabilitação abrangente.

OMS relata que mais de 22.500 pessoas — cerca de um quarto dos feridos em Gaza — sofreram lesões[61] que alteram a vida, exigindo serviços de reabilitação imediata e de longo prazo. Os sobreviventes da guerra enfrentam queimaduras graves, fraturas difíceis de cicatrizar e, em muitos casos, amputações. Segundo o relatório, houve entre 3.105 e 4.050 amputações de membros. Mesmo aqueles que tiveram a sorte de passar por cirurgias bem-sucedidas podem enfrentar dores crônicas e complicações, como infecções e osteomielite, que podem impactar gravemente suas vidas.

Chris Hook, coordenador da equipe médica de MSF em Gaza - 19 de dezembro de 2023

"Os sobreviventes têm lesões que os marcarão para a vida inteira. Muitos dos feridos sofreram queimaduras extremas, fraturas graves que são difíceis de curar e podem exigir amputações. Muitos desses pacientes, mesmo que consigam retornar a uma vida mais ou menos comum, sofrerão de dores crônicas severas que exigirão um tratamento extenso."

Atualmente, há pouco acesso a cuidados pós-operatórios essenciais, como fisioterapia ou próteses. A falta de infraestrutura, combinada com a escassez de profissionais de saúde e suprimentos, torna o controle da dor e das infecções quase impossível. Sem o cuidado adequado, muitos desses pacientes correm o risco de complicações adicionais, incluindo deficiências permanentes que não só alterarão suas próprias vidas, mas também sua capacidade de sustentar suas famílias.

Além da saúde física, as cicatrizes psicológicas, ainda incalculáveis, podem levar décadas para se curar. No entanto, sequer é possível considerar esse processo sem um cessar-fogo e requisitos básicos de segurança.

O colapso do sistema de saúde de Gaza deixou cerca de 50 mil recém-nascidos durante a guerra sem imunizações essenciais, incluindo a vacina contra a poliomielite. Essas crianças, junto com as mais velhas cujos calendários de vacinação foram interrompidos, agora enfrentam riscos aumentados de doenças evitáveis. As crianças que perdem imunizações essenciais ficam mais vulneráveis a doenças como sarampo e poliomielite, que podem resultar em deficiências severas e atraso no desenvolvimento. A longo prazo, isso cria uma população com maior risco de surtos de doenças, sobrecarregando ainda mais o sistema de saúde já fragilizado e perpetuando ciclos de doença e pobreza.

1. Excesso de mortes relacionadas ao conflito

Em janeiro de 2024, um relatório da Universidade Johns Hopkins e da London School of Hygiene & Tropical Medicine estimou o potencial de mortes em excesso em Gaza devido à guerra em curso. O termo "mortes em excesso" refere-se às mortes que ocorrem além do que seria regularmente esperado em uma população sob condições estáveis, englobando tanto as mortes diretas pela violência quanto as mortes indiretas resultantes do colapso dos serviços de saúde, da desnutrição e dos surtos de doenças.

Usando essa proporção, uma recente publicação na The Lancet calculou que até 186 mil mortes adicionais poderiam ocorrer como resultado da guerra em curso em Gaza, com base nas 37.396 mortes diretas reportadas até junho de 2024 (número que já havia ultrapassado as 43 mil no momento da redação deste artigo). Se confirmado, essas mortes indiretas representariam aproximadamente 7,9% da população de Gaza, com base no censo de 2022, que registrou 2.375.259 pessoas.

Embora apenas essas projeções já sejam chocantes, o número real de mortos permanece incerto devido às dificuldades em contar com precisão as vítimas. Hospitais foram destruídos, grande parte da população foi deslocada, corpos ainda estão sob os escombros e muitas mortes ainda não foram declaradas — especialmente no norte de Gaza, onde famílias inteiras foram exterminadas, não restando alguém que sequer possa identificar os falecidos.

61 Análise da OMS destaca vastas necessidades de reabilitação não atendidas em Gaza | Comunicado de imprensa da OMS – 12 de setembro de 2024 – Disponível aqui

Esse abismo entre as mortes em excesso projetadas e os números oficialmente reportados evidencia a profunda incerteza em torno da verdadeira escala da perda.

2. Gaza tornou-se incompatível com a vida

Desde outubro de 2023, Gaza tem enfrentado uma degradação ambiental severa. Até junho de 2024, a guerra gerou cerca de 39 milhões de toneladas de destroços, contendo materiais perigosos como amianto, munições não detonadas e resíduos industriais. Esses destroços representam riscos significativos à saúde humana e ao meio ambiente, complicando ainda mais os esforços de recuperação no futuro[62].

A guerra também levou ao colapso dos sistemas de água e saneamento, resultando em uma contaminação generalizada das águas costeiras, do solo e das fontes de água doce de Gaza. As cinco plantas de tratamento de esgoto foram fechadas, fazendo com que esgoto não tratado seja despejado em praias e terras agrícolas, colocando em risco a saúde pública e a vida marinha. Além disso, a gestão de resíduos sólidos deteriorou-se, com 1.200 toneladas de lixo acumulando-se diariamente em torno dos acampamentos e abrigos. A falta de gás de cozinha forçou as famílias a queimarem resíduos, contribuindo para a piora da qualidade do ar.

As fontes de água compartilhadas da região também representam uma ameaça maior, pois a contaminação e a degradação ambiental têm consequências de longo alcance que ultrapassam as fronteiras de Gaza[63]. Sem uma mudança urgente, os danos ambientais continuarão a agravar a crise humanitária de Gaza, aprisionando sua população em riscos de longo prazo para a saúde, segurança alimentar e a resiliência dos ecossistemas.

Paciente, mulher, 36 anos - 16 de setembro de 2024

"Meu filho tem um sistema imunológico frágil. Até um pequeno corte se agrava. As condições em que estamos vivendo — o frio, o ambiente poluído — estão piorando sua condição. Não estamos em nossas casas, estamos em tendas que são absolutamente impróprias para a vida humana. Com tudo o que estão jogando sobre nós, parece que estamos respirando enxofre. Isso agrava sua condição, causando inflamações severas."

62 Impacto Ambiental do Conflito em Gaza: Avaliação Preliminar dos Impactos Ambientais | PNUMA - Junho de 2024 - Disponível aqui

63 À medida que o conflito continua, os impactos ambientais da guerra em Gaza tornam-se mais claros | Universidade Stanford, Califórnia – abril de 2024- Disponível aqui

APELOS URGENTES

- Um cessar-fogo imediato e duradouro deve ser implementado. A destruição total da vida palestina em Gaza e de todas as coisas que compõem o tecido social deve ser interrompida.
- O extremo e deplorável racionamento da ajuda humanitária na Faixa de Gaza tem que parar. Israel deve pôr fim ao cerco a Gaza e abrir as fronteiras terrestres vitais, incluindo a passagem de Rafah, para garantir entrega em grande escala de ajuda médica e humanitária. Israel deve tomar todas as medidas necessárias para garantir que a ajuda chegue urgentemente aos necessitados, inclusive pondo um fim às ações que perturbem a capacidade de aplicação da lei na Faixa de Gaza.
- Israel deve revogar sua recente lei de banimento da UNRWA, garantindo que a agência seja capaz de continuar seu papel vital no apoio à população. As capacidades locais remanescentes em Gaza devem ser reconstruídas e ampliadas.
- O deslocamento forçado deve acabar. As pessoas em Gaza devem ter permissão para circular livremente, incluindo o regresso aos seus locais de origem e a restauração de suas capacidades de subsistência. As autoridades israelenses devem facilitar a evacuação daqueles que necessitam de cuidados especializados ou a partida daqueles que buscam refúgio fora de Gaza, garantindo assim seu direito a um regresso seguro, voluntário e digno.
- Em janeiro de 2024, a Corte Internacional de Justiça ordenou que Israel implementasse medidas provisórias para impedir atos genocidas em Gaza. No entanto, nenhuma medida foi tomada para atender esta ordem. Nossos testemunhos alinham-se com os de um número crescente de especialistas e organizações jurídicas, concluindo que a limpeza étnica e o genocídio já estão acontecendo Gaza. MSF apela aos Estados, particularmente aos aliados mais próximos de Israel, que não prestem apoio incondicional a Israel e que cumpram sua obrigação de evitar o genocídio em Gaza. Os Estados devem usar seu poder de influência para aliviar o sofrimento da população e permitir um aumento maciço assistência humanitária na Faixa de Gaza.
- MSF renova seu apelo por uma investigação independente para determinar os fatos e as responsabilidades por trás dos repetidos ataques às equipes e instalações de MSF. Esses ataques mataram oito colegas de MSF e muitos de seus familiares. Este apelo estende-se também à investigação de outros ataques a trabalhadores humanitários e equipes médicas.

MEDECINS
SANS FRONTIERES